



Memórias do Leste

vidas sob o totalitarismo

Alexandre Gonçalves

Orientador
Wellington Andrade

São Paulo, 2007

Ao poeta Bruno Tolentino (in memoriam).

Assombra-me, portanto, ver uma luz tão clara
fecundar-me as cantigas, coração meu – repara
como crescem espigas entre escombros humanos...

(trecho de Em frontispício do livro Imitação do Amanhecer)

Agradecimentos

Ana Gabriela

Edemilson Antunes

Fábio Wagner

Fábio Rancevas

Marcelo Valenga

Mateus Biselli

Ronaldo Carolo

Sérgio Rancevas

pelas sugestões de fontes

Leonardo Freitas

pela revisão do texto

Fernando Gonçalves

Marcos Paulo Amorim

pelo companheirismo

Wellington Andrade

pelas ótimas aulas e orientação

Sumário

INTRODUÇÃO	5
O MONGE.....	8
A BAILARINA.....	19
O FILÓSOFO	26
A ENFERMEIRA.....	35
O CIENTISTA.....	49
A ESCRITORA	56
O MÚSICO	67
O FEIRANTE.....	75
SOBRE O AUTOR	83

Introdução

Este trabalho recolhe memórias de pessoas que vivenciaram o fenômeno dos totalitarismos nos países da Europa Central e Oriental durante o século XX.

A forma escolhida – uma coleção de perfis – não é acidental. Nos regimes que servem como pano de fundo para as narrativas, o homem representa apenas a etapa contingente de um processo necessário: a História. No entanto, estas páginas questionam tal perspectiva, pois apresentam como realidade o drama vital de pessoas concretas e não o sistema abstrato que pretendeu assumir o seu lugar.

Estabelece-se assim um critério para reunir relatos de vidas sob regimes tão diferentes quanto o nazismo e o comunismo. Cada ideologia cria seu próprio *mundo perfeito*, mas todas têm em comum o sacrifício da realidade no altar da utopia.

Qualquer recordação traz consigo boa dose de imprecisão. A fantasia costuma ocupar a terra arrasada pelo esquecimento. Naturalmente, houve esforço para identificar os erros cotejando as informações apuradas com os livros de História. Os fatos mais antigos datam da segunda década do século XX.

Contudo, não se trata de uma obra historiográfica. As contextualizações são raras e estão restritas ao essencial. Deu-se importância à percepção subjetiva das experiências totalitárias, tentativas de anulação da consciência individual. Para o monge beneditino Ernesto Linka, “não bastava ficar calado: a única forma de garantir a própria segurança era parar de pensar”.

Infelizmente, o silêncio acompanhou estes imigrantes também no Brasil. Muitos manifestaram estranhamento diante do interesse de um desconhecido sobre fatos tão remotos das suas vidas. Mas a desconfiança transformava-se, com facilidade, em confiança. Foi o que aconteceu com o professor universitário Zeljko Loparic: monossilábico nas suas primeiras respostas, abriu-se com generosidade e, no fim, conversava consigo em voz alta.

A surpresa era o sentimento mais comum. Pela primeira vez, alguém lhes procurava para ouvir suas lembranças. Com poucas exceções, não acreditavam no caráter excepcional das suas biografias.

Somente três pessoas, a bailarina Marika Gidali, a escritora Tatiana Belinky e a enfermeira Nina Valavicius, já tentaram colocar por escrito suas recordações ante-

riores à imigração. Significativamente, as duas primeiras têm algo em comum: a ascendência judaica.

A *Fundação Shoah*, criada pelo cineasta norte-americano Steven Spielberg para preservar os relatos testemunhais do Holocausto, manifesta, em boa medida, o imenso valor dado à memória na cultura do povo judeu.

Em uma escala muito menor, este trabalho é animado por uma motivação semelhante: a convicção de que uma idéia pode se contrapor a outra, mas ninguém pode contradizer uma vida.

Muitas vezes, os acontecimentos são narrados segundo a perspectiva de uma criança. O músico Victor Selin talvez seja o exemplo mais eloqüente: um garoto cuja família foi destruída pelo stalinismo e que presenciou a Revolução Maoísta. Se para um adulto é penoso conviver com a violência e o preconceito, para uma criança, este sacrifício torna-se simplesmente incompreensível.

Somente o feirante Tadeu Kawalec participou de uma resistência organizada: o sindicato polonês Solidariedade. Já estava casado e formado quando veio para o Brasil na década de 80. De todos os perfilados, possui a leitura mais crítica do processo revolucionário.

Em alguns retratos, como no do químico Peter Slavec, fica patente o esforço para relativizar as experiências de repressão: “Não foi tão ruim...” Algo surpreendente quando, logo depois, conhecemos as violências testemunhadas ou sofridas. Sem dúvida, não é por insensibilidade. O perdão exorciza lembranças que tornariam a vida insuportável.

Foram escolhidas as histórias mais interessantes. Nem todos os entrevistados tiveram seus testemunhos relatados. Porém, tais diálogos ofereceram um importante subsídio para a checagem de informações e a compreensão do processo histórico em cada país.

Algumas pessoas rejeitaram contar suas experiências. Houve quem reagisse com mau humor diante da possibilidade de relembrar traumas antigos.

O escritor Anthoine de Saint-Exupéry guardou uma imagem dos anos em que trabalhou como aviador no correio francês: enquanto sobrevoava os pampas da América do Sul à noite, observava as janelas iluminadas das casas espalhadas pelos

campos. Encantava-se com a idéia de que cada ponto branco representava o brilho de uma consciência.

Pequenos focos de luz na escuridão: é o que este livro procura resgatar.

O monge

Ernesto Linka é abade do Mosteiro São Geraldo no bairro Morumbi em São Paulo. Baixo, de cabelos grisalhos e *clergyman* azul-clara, caminha com passos rápidos. Ao conduzir um visitante para o seu escritório, gosta de mostrar, na parede esquerda da sala, uma bela pintura de um metro e meio de largura por dois e meio de altura. Representa a Virgem Maria olhando compassiva para os dons oferecidos por um jovem em genuflexão.

– Gostaria que você reparasse neste quadro. Santo Estevão, um dos primeiros reis da Hungria, entrega a coroa e o cetro a Nossa Senhora como verdadeira rainha do nosso país. Esta imagem tem um significado profundo para os húngaros.

As frases saem entrecortadas e inseguras. Dom Ernesto ainda não domina completamente a língua portuguesa, apesar de viver aqui há mais de três décadas. É um dos pilares da comunidade húngara no Brasil. Mesmo os imigrantes de ascendência protestante ou judaica conhecem-no. Os côsules comunistas viam-no como um interlocutor importante.

Seu irmão também mora no mosteiro: Alexandre Linka, que não aceita dar entrevistas.

– Ele é muito perfeccionista. Não sabe falar português direito e tem vergonha de errar.

Mas basta um breve diálogo com Alexandre para perceber que, quando o assunto é socialismo na Hungria, a comunicação torna-se impossível por outro motivo: o discurso torna-se violento e apaixonado. Fica difícil entender seu ponto de vista. Um grande contraste com a disposição pacífica e ponderada de Ernesto.

– Meu irmão tem alguns traumas. Eu, não. Graças a Deus, pude trabalhar sem problemas na Hungria. Precisava ser discreto. Mas quase não sofri retaliações do Estado.

INFÂNCIA

Ernesto nasceu em uma pequena aldeia da Hungria chamada Boba, há 20 km de Celldömölk. Morou durante a infância em uma casa de fazenda. Gostava de brincar entre as ruínas de uma velha abadia medieval.

O período posterior à Primeira Guerra Mundial foi traumático para o país. O tratado de Trianon entregou dois terços do território aos vizinhos. Este foi o ônus da derrota do Império Austro-Húngaro.

Os ingleses costumavam dizer: a Hungria é o único país que faz fronteira consigo mesmo. Na Croácia, na Romênia e na Eslovênia, por exemplo, há vilas onde só se fala húngaro.

A INVASÃO

Em 1938, Ernesto entrou como noviço no mosteiro beneditino de Pannonhalma. Passou os anos da guerra na igreja gótica, nos corredores seculares, na cela monacal e nos canteiros de hortaliças. Naturalmente, acompanhava com apreensão o domínio nazista sobre o país e a invasão russa.

Em dezembro de 1944, os aliados expulsaram os alemães. Budapeste está a 60 km de Pannonhalma. Na vigília de Natal, o barulho das bombas na capital misturava-se ao canto gregoriano.

Da noite para o dia, os soldados do Eixo desapareceram. Mas a passagem das tropas soviéticas pelo país foi desastrosa.

– O que mais revoltava era a violência contra as moças.

Só no hospital dos irmãos mercedários em Pápa, cerca de mil mulheres e meninas foram internadas vítimas de estupro. Oitocentas contraíram sífilis. Algumas enlouqueceram, outras cometeram suicídio.

– Os soldados invasores estavam há muito tempo na guerra, longe da família e imersos no horror. Tornaram-se brutos como animais. O bispo de Győr, Vilmos Apor, foi morto nessa ocasião.

Apor já tivera problema com os nazistas por assinar um protesto contra o governo títere de Hitler. Quando os soviéticos invadiram sua diocese, parte da população, especialmente mulheres, refugiou-se na cripta de uma igreja. Soldados bê-

bados tentavam entrar para violentá-las. O bispo colocou-se com os braços abertos diante da porta para impedi-los. Foi fuzilado.

Havia também os saques realizados por soldados.

– Especialmente relógios. Por um lado, não havia esse tipo de artigo na Rússia. Por outro, era fácil de carregar. Muitas vezes, não sabiam como funcionava. Os combatentes eram muito pobres. Contam que alguns soldados roubaram um despertador. Quando começou a tocar, ficaram assustados, e atiraram nele.

APREENSÃO

Ernesto pouco acompanhou as dificuldades para a implantação do governo provisório. Estava mais preocupado com as aulas de filosofia e teologia no mosteiro.

Mas não deixava de notar a angústia do seu abade, Chrysostomos Kelemen. Perdia peso visivelmente e estava mais silencioso. Durante a dominação nazista, Kelemen subscreveu o documento de protesto do bispo de Győr. Contudo, mesmo naquela época, não demonstrava tanta preocupação.

Tradicionalmente, o abade beneditino de Pannonhalma tinha um assento no Parlamento húngaro. Kelemen sabia que, caso os comunistas assumissem o poder, era *persona non grata* ao regime. Em 1948, com autorização da Santa Sé, deixou o país como forma de proteger sua própria integridade física e o mosteiro. Foi para os Estados Unidos. O futuro mostrou como essa decisão foi acertada.

Para Ernesto, a pobreza da sua família, sem títulos militares ou nobiliárquicos, preservava-o de qualquer desgraça. Seu pai, um agrônomo, não possuía propriedades rurais ou urbanas: vivia em uma casa cedida pelo patrão.

A PERSEGUIÇÃO

Quando o Partido Comunista Húngaro monopolizou o poder em 1949, houve certa perplexidade. Começaria a perseguição aos inimigos do regime.

No dia 7 de setembro de 1950, as ordens religiosas foram dissolvidas por decreto. Só ficariam nos mosteiros os monges que tivessem uma função administrativa ou fossem professores nos colégios.

Ao contrário de Kelemen, o abade cisterciense de Budapeste decidiu arriscar e permanecer no país. Ele também gozava da prerrogativa de uma cadeira no Parlamento. Imediatamente, foi preso e torturado até a morte. O mosteiro foi dissolvido e a ordem nunca recebeu de volta seus centros de ensino.

Trinta anos mais tarde, Ernesto soube que os cistercienses montaram um convento clandestino na capital. Todos trabalhavam durante o dia, mas alugavam apartamentos para viver em comunidade. Obviamente, dividiam-se em pequenos grupos para não gerar desconfiança. Havia uma pequena capela onde rezavam em voz baixa.

Já no Brasil, Ernesto conheceu uma freira que também viveu em uma célula clandestina de vida monástica. Durante vários anos, não levantaram qualquer suspeita.

Certo dia, ouviram alguém bater na porta com violência: eram agentes da AVO (*Allamvedelmi Osztály* ou, em português, Departamento de Proteção do Estado, a polícia secreta do regime). Ainda estavam estupefatos com a descoberta de um convento secreto bem ao lado da sede do governo.

As religiosas foram presas, mas libertadas depois de alguns meses. Algumas, como a freira que contou a história, puderam deixar o país.

Como não administrava o mosteiro e nem lecionava, Ernesto foi incorporado ao clero secular. Na prática, deixaria de viver no mosteiro, seria enviado para uma paróquia escolhida pelo Estado e trabalharia como um padre comum.

Coube-lhe ser coadjutor em uma igreja na periferia da capital. Ajudaria outro sacerdote que também pertencera à ordem beneditina e viveria na casa de uma tia. Levando em conta o destino dos outros monges, sentia-se feliz.

– Meu colega Otto Iroffy foi enviado a uma cidade, Mezötur, em que praticamente toda a população era protestante.

Ernesto sabia que qualquer atividade pastoral sem o consentimento formal do Estado seria considerada crime.

– Era uma liberdade de sacristia. E, mesmo lá dentro, pensávamos duas vezes antes de dizer qualquer coisa. Tentamos falar só do Evangelho e não fazer críticas fortes ao Partido.

ESPIONAGEM

Por princípio, toda cúria episcopal tinha um membro da AVO (reconhecido como tal) na burocracia eclesiástica. Estava lá para assinar ou carimbar autorizações.

Na realidade, o bispo nunca tinha um segundo de folga. Era observado a todo o momento. O espião institucional do gabinete fornecia relatórios diários das suas atividades ao governo.

A eficácia dos serviços de espionagem ia além das fronteiras nacionais. Antes da dissolução das ordens religiosas, um monge de Pannonhalma foi à Santa Sé para participar das reuniões do Concílio Vaticano II.

Quando voltou à Hungria, recebeu uma intimação para depor. O agente que conduziu o interrogatório tinha em mãos uma lista detalhada dos encontros do religioso em Roma e os assuntos tratados em cada um deles.

Aparelhos de escuta foram muito utilizados neste período.

– No escritório do abade, encontramos um. Sempre que precisávamos falar algo mais sério, íamos para o jardim ou para o corredor.

Houve também um tempo em que não convinha fazer visitas a Pannonhalma. Alguns monges davam informações ao serviço secreto.

– Eram nossos irmãos. Ninguém sabe por que faziam isso.

Ernesto admite que é difícil compreender.

– Não se escandalize. Todos cometem erros na vida. Mas, naquele tempo, ninguém podia errar. Ou então, o regime usaria o deslize para fazer chantagem.

Em geral, a pessoa era chamada para acareação. Ou melhor, para ser intimidada.

“Sabemos de tudo: aqui está a transcrição dos depoimentos que lhe incriminam”.

Vinha, então, a proposta:

“Se você colaborar conosco, podemos arquivar seu processo”.

Desta forma, todos se comprometiam.

– Mas, no fim, isso acabou com o comunismo. Ninguém agüentava viver assim. Eram todos contra todos. A mentira não pode ser a base das relações entre as pessoas.

Hoje, restam poucos monges daquele período em Pannonhalma. Mesmo assim, há ressentimento e desconfiança na comunidade, pois a dúvida ainda paira: quem foram os traidores?

Ernesto relembra uma história que mostra a penetração do governo nas relações sociais mais corriqueiras. Um casal da paróquia organizou uma comemoração para os amigos mais íntimos em casa. Depois do jantar, ficaram até de madrugada bebendo e conversando. Felizmente, apenas amenidades. Nada de política.

Quando todos foram embora, a mulher foi ao banheiro e encontrou, jogada no chão, uma identificação funcional da AVO. Constava o nome de uma pessoa que eles não conheciam. Ou melhor: provavelmente, conheciam pelo nome falso! Sem dúvida, algum dos visitantes deixara cair o documento secreto. Poucos minutos depois, um policial batia a porta.

“Vocês acharam algum objeto perdido? Poderiam me entregar?”

Nunca souberam quem era o espião.

INTERROGATÓRIOS

– Não bastava ficar calado: a única forma de garantir a própria segurança era parar de pensar... Porque se penso, vou querer escrever ou falar. Ninguém guarda o pensamento na cabeça. É um mecanismo muito cruel: a censura obriga as pessoas a calarem-se quando o mundo está errado e elas estão certas. Algumas pessoas sobrevivem a essa tortura. Outras caem em depressão.

De 1946 a 1948, houve uma liberdade relativa no país. Muitos criticaram violentamente o projeto comunista e a ingerência soviética.

– Quem foi inteligente percebeu o rumo das coisas e fugiu. Antes mesmo da “cortina de ferro”. Quem criticou e permaneceu no país, foi parar nas minas de carvão, nos *gulags* húngaros.

Algumas pessoas, sem qualquer afinidade ideológica com o regime, cooperavam com ele. Pensavam que era a melhor forma de levar a vida sem dor de cabeça.

– Procuravam tranquilidade, mas encontravam sofrimento.

Em 1955, Ernesto visitou um antigo conhecido, padre de uma paróquia em Budapeste. Estava neurótico. Por pouco não enlouquecia.

“Os agentes da AVO sempre me procuram para obter informações sobre as pessoas da paróquia e da diocese... ‘Nós não queremos que você fale contra seus amigos... Só queremos algumas informações importantes para o povo. Ninguém quer atrapalhar o seu trabalho de padre’. De fato, nunca perguntam nada que comprometa diretamente. Essa é a forma mais segura de não ter problemas com o Estado. Mas... é tão difícil saber quando cometemos uma traição!”

– Boa parte dos interrogatórios eram farsas. Às vezes, faltava apenas uma peça para completar o *script* do teatro que incriminaria um inocente. Não era difícil preencher essa lacuna interrogando “testemunhas” suficientemente tolas. Meu amigo tinha boas razões para as crises de consciência.

Ernesto também prestou depoimento durante seis horas. O regime soube que viajara para a Eslováquia na companhia de um amigo. Convocou-o para dar explicações. A acusação era contrabando.

Havia certa razão na denúncia. Atravessaram a fronteira e compraram luvas para si e para a família. Ernesto garante que não pretendia abrir um pequeno comércio ou participar do mercado negro de luvas.

Antes da “entrevista”, o monge foi conversar com um padre experiente: passara alguns anos na prisão. Chamava-se Sylvestre Solymos. O amigo deu-lhe três conselhos.

“Primeiro: pense na história mais simples, próxima da verdade e inócua... defenda esta versão com unhas e dentes. Segundo: deixe sua agenda de telefones em casa para não comprometer os amigos. Terceiro: Leve comida para o dia inteiro, pois deixarão você esperando horas a fio.”

Munido das sugestões de Solymos, Ernesto compareceu à delegacia.

“O que vocês compraram lá?”

“Luvas.”

“É proibido.”

“O valor gasto foi irrisório.”

Então, trocavam de assunto.

“Você conhece Lajos Shvoy?”

“Claro, o presidente da Conferência Episcopal Húngara.”

“Já conversou com ele?”

“Há muito não o vejo.”

“Ele não gosta do regime, não é?”

“Não sei.”

Um investigador entrou, sentou-se e contou uma piada. Todos caíram na gargalhada.

“Você também conhece alguma?”

Ernesto lembrou-se de uma anedota muito engraçada. Mais uma vez, risos.

“Mas, e as luvas?”

Todos sérios de novo. Então, outro agente adotou um discurso conciliador:

“O Partido e a Igreja têm algo em comum: trabalham para o bem do povo. Deveríamos unir nossas forças.”

Naquele dia, cerca de seis investigadores passaram pelo interrogatório. Sempre misturavam dois ou três assuntos de forma aleatória.

– Foi preciso manter a concentração para não cair em contradição.

RUA ANDRASSY

Sylvestre Solymos permaneceu vários anos na prisão da Rua Andrassy, tristemente famosa. Lá, muitos presos políticos foram torturados e assassinados. Cada cela abrigava, em média, de 6 a 10 presos. Havia uma fossa imunda em um canto, compartilhada por todos.

Solymos lembra as missas clandestinas que celebrava na cela: um pedaço de hóstia na palma da mão e algumas gotas de vinho em um copo. Tanto o pão como o vinho eram proibidos nas prisões. Deviam ser contrabandeados pelos carcereiros.

Uma história contada por Solymos impressionou Ernesto:

“Certa vez, jogaram na minha cela um homem violentamente espancado.”

Queriam que ele confessasse crimes cometidos contra o regime e denunciasse amigos. Não abriu a boca apesar das torturas. Poucos dias depois, outro jovem foi introduzido na cela sob os escárnios dos guardas:

“Aproveite bem os poucos dias que lhe restam de vida!”

Todos ficaram solidários ao drama do condenado à forca. E aquele que permanecera calado durante as torturas, abriu a alma para o companheiro de infortúnio.

Uma semana depois, receberam a notícia: o rapaz da forca era, na verdade, um espião. E o inconfidente foi executado.

– Esta história diz muito sobre aquele período. Os investigadores foram muito inteligentes. Mas a racionalidade deles não servia para diferenciar o certo do errado.

A PRIMAVERA DE BUDAPESTE

Na última semana de outubro de 1956, a Hungria conheceu sua versão da Primavera de Praga. Trabalhadores, intelectuais e membros do Partido Comunista não alinhados com o stalinismo iniciaram uma onda de protestos.

Imre Nagy, político expurgado, foi readmitido e assumiu a liderança das reformas que incluíam a dissolução da AVO, a liberdade de imprensa, a ressurreição dos partidos, a anistia dos presos políticos e o desalojamento das tropas soviéticas instaladas no país.

– Esta foi a verdadeira revolução do povo húngaro. Até hoje, costumamos comemorar o 23 de outubro como a data da libertação.

No dia 1º de novembro de 1956, Imre Nagy assume o cargo de ministro do Exterior, acusa a URSS de violar o Pacto de Varsóvia ao enviar tropas para a Hungria, proclama a neutralidade do país e solicita o apoio das demais potências internacionais e da ONU.

Ernesto já não morava mais em Buda. Fora transferido para o condado de Vezsprém e atendia pequenas aldeias muito próximas da fronteira. Não podia acreditar nas notícias.

– Como em um passe de mágica, o regime acabou. Quase sem derramamento de sangue.

Junto com outros três padres, resolveu organizar uma comemoração local. Fizeram uma peregrinação por todas as aldeias pertencentes à paróquia de Veszprémfajsz. A distância entre elas era pequena: menos de 5 km. O povo compareceu com roupas de festa, levando instrumentos musicais e lanches.

Ao chegar à última vila, os padres voltaram para a igreja paroquial. O povo continuou as comemorações noite adentro. Algumas pessoas beberam demais e re-

solveram derrubar um pequeno monumento em honra da fraternidade com os russos. Também queimaram a palha de uma cooperativa.

No dia 4 de novembro, ocorreu um ataque geral das tropas soviéticas. O país foi ocupado para sufocar a “contra-revolução”. No dia seguinte, a Assembléia Geral das Nações Unidas condenou a invasão.

Naturalmente, foi uma ótima oportunidade para os defensores do projeto stalinista descobrirem elementos de discordância dentro e fora do partido. Seguiu-se mais um expurgo da sociedade húngara.

Até os manifestantes de Veszprém, tão marginais ao processo político, sofreram as conseqüências.

– Há sempre um dedo-duro. De qualquer forma, algumas pessoas conseguiram fugir para o Ocidente antes do inquérito. Quem ficou dizia: ‘Os responsáveis pela bagunça já fugiram do país’.

Mesmo assim, algumas pessoas foram presas. Inclusive um dos padres, que permaneceu dois meses na cadeia.

– Mais uma vez, não aconteceu nada comigo.

BRASIL

Em 1967, Ernesto veio para o Brasil.

– Quando a gente é jovem quer fazer alguma coisa grande. Lá, era impossível.

Pensava em viajar para a África ou para a Polônia, onde o mosteiro de Pannonhalma tinha coordenado a fundação de outras casas religiosas que, por este motivo, pertenciam juridicamente à província beneditina húngara.

Quando recebeu a proposta de vir para o Brasil, sua resposta foi imediata.

Chegou a São Paulo e, no dia seguinte, sentia-se em casa. Sob muitos aspectos, já estava mesmo.

Hoje, o prior é um jovem brasileiro. Na época, todos os monges eram húngaros. Foram seus professores e colegas em Pannonhalma. E a comunidade religiosa possuía íntimos vínculos com a colônia de imigrantes.

Em 1981, Ernesto voltou para a Hungria. O regime já tinha mudado muito. Mesmo assim, procuraram-no para saber como ia a vida no Brasil. Na realidade, queriam obter informações de outros imigrantes. Prudente, Ernesto não falou nada.

A bailarina

A entrada da Academia Stagium é um longo corredor com as paredes forradas de velhos cartazes: espetáculos da década de 70, turnês internacionais e recortes de jornal. A cadeira vazia do vigia torna o ambiente ainda mais displicente. No final, há uma escada à esquerda. Seis lances levam à ante-sala de um imenso salão. O som do piano enche o ambiente enquanto a voz do professor garante a disciplina. Pelas frestas da parede, garotas obedecem à harmonia da música e bailam sobre um piso de madeira.

Na mesma ante-sala, uma porta abre-se para um escritório estreito e comprido. Atrás de um armário de metal, Marika Gidali trabalha diante do laptop com os pés apoiados sobre o assento de uma cadeira. A mesa está forrada de papéis. Ao lado, uma bengala denuncia as cruéis limitações impostas à bailarina. Ajeita os óculos e os olhos azuis percorrem as mensagens eletrônicas que recebeu pela manhã. Joga para trás os cabelos curtos, loiros e com laivos grisalhos. Bate com o dedo indicador e o médio no tampo da mesa acompanhando o compasso do piano.

Neste cenário, Marika começou a recordar momentos que marcaram sua infância na capital húngara.

MOSAICO DE IMAGENS

Budapeste é uma das cidades mais belas e tradicionais da Europa. Nasceu da fusão de Buda – capital do Reino da Hungria situada em uma área montanhosa – e Peste – um importante centro comercial localizado na planície. O rio Danúbio separa as duas regiões.

Em 1937, nasceu Marika em uma família de artesãos de origem judaica. Seu pai, Bela Gidali, era um alfaiate esloveno. Dominava inúmeros idiomas e dialetos. Sua mãe, Erzsébet Goldstein, trocou o sobrenome para Belane ao casar-se com Bela, segundo o costume húngaro de a mulher substituir o sobrenome de solteira pelo nome do marido acrescido da partícula *ne*.

Desde o casamento, moravam em um edifício de cinco andares em Peste. Nesta casa, nasceram Agnes e Marika. Também o avô Eugenio Goldstein viria morar com eles para alegria das crianças, que o adoravam.

Um mosaico de imagens heterogêneas constitui as lembranças mais remotas de Marika.

– Lembro-me da Rua do Tambor no outono. O chão forrado de folhas vermelhas e amarelas, o letreiro colorido da sorveteria na frente do meu prédio.

Outras duas imagens marcaram seus primeiros anos.

A oficina onde seus pais trabalhavam ficava nos fundos do apartamento. Uma vez ou outra, ela e a irmã cortavam fiapos das roupas para ajudar os pais.

Tinha uma amiga da mesma idade chamada Marienne. Acompanhava-a nas aulas de ginástica. Como não estava inscrita no curso, Marika podia apenas observá-la de fora. Mas não deixava de imitar a professora nos exercícios.

Gostava de entrar no quarto do avô e permanecer durante longas horas, sozinha ou acompanhada pela irmã. Havia lá uma lareira muito cobiçada. A pequena Marika divertia-se subindo na cama e pulando lá de cima.

Estava desenhando quando ouviu a marcha cadenciada na rua anunciando a chegada do invasor.

SOB OCUPAÇÃO

No dia 19 de março de 1944, a Alemanha ocupou militarmente a Hungria.

Depois de Kiev na Ucrânia, Budapeste era a cidade europeia com maior população judaica. Historicamente, o anti-semitismo não estava enraizado na cultura local. As escolas, por exemplo, agregavam crianças de vários credos.

Mas, bem cedo, Marika percebeu: algo havia mudado.

– Fomos proibidos de andar nas calçadas principais, de entrar em todos os estabelecimentos comerciais, e nos obrigaram também a usar uma estrela de Davi amarela na manga da camisa.

As amigas evitavam-na e ela sofria por isso. Por que não aceitavam seus convites para tomar um sorvete?

Começaram também os alarmes que anunciavam bombardeios iminentes das tropas aliadas. O som das sirenes colocava a população em pânico. Os pais corriam

para a escola pegar seus filhos. Erzsébet e Bela não fugiam à regra e levavam as filhas de volta para o prédio. Mas, nestes casos, corriam para o porão do edifício onde as outras famílias já estavam escondidas. Outra sirene avisava que o perigo passara.

Certa noite, soldados húngaros fiéis ao governo títere da Alemanha invadiram o prédio e esmurravam as portas das famílias judias. Todos foram obrigados a deixar suas casas sob a mira de fuzis: homens, mulheres, idosos e crianças. Caminhavam pelas ruas e grupos semelhantes vindos de outros cantos da cidade uniam-se à carreta lúgubre. Foram conduzidos para Tathersal: um grande galpão utilizado para comerciar cavalos. As crianças, que não compreendiam bem o perigo que corriam, cabeceavam de sono. Depois de algumas horas, foram autorizados a voltar para casa. O alívio inicial transformou-se em medo crônico. A partir de então, ouvir passos aproximando-se da porta à noite tornou-se um péssimo presságio.

Os soldados retornariam em outra ocasião no meio da tarde. Ao invadir a casa da família Gidali, deram uma ordem precisa:

“Mulher, vista seus filhos!”

Ou seja, era necessário vesti-los com alguma roupa ornada com a estrela amarela. Mais uma vez, foram conduzidos para fora do prédio e caminharam, sob um frio glacial, até Tathersal. Para tornar a situação mais humilhante todos deveriam caminhar com os braços levantados. A pequena Marika disse à mãe que iria abaixá-los, pois não agüentava mais.

“Não faça isso, minha filha. Vão machucar você!”

Chegaram ao galpão no início da noite. Permaneceram horas lá. Depois, voltaram para casa escoltados. Naturalmente, sem explicação alguma sobre o motivo daquele “exercício de concentração”. Provavelmente, era um ensaio para a deportação.

O dia de maior desespero foi quando prenderam Bela e outros homens para enviá-los ao Munka Tabor, o campo de trabalhos forçados no *front* de guerra. Mas as desgraças seriam ainda maiores.

Depois de despachar os chefes de família, os soldados voltaram e levaram mulheres e crianças para o pátio. De lá, arrastaram as mães para Tathersal, de onde seriam remetidas aos campos de trabalho. Os filhos foram deixados ao relento. Marika ainda lembra o olhar de desespero de Erzsébet.

No caminho para Tathersal, a mãe de Marika viu uma multidão de judeus conduzidos por soldados alemães. Entre os rostos, encontrou sua sogra Ludmila. Viu-a pela última vez. Aquelas pessoas foram fuziladas às margens do Danúbio.

Marika e Agnes lembraram-se do orfanato da Cruz Vermelha do outro lado da rua. Apresentaram-se à porta e foram acolhidas com carinho. Mas a comida era escassa e, poucas semanas depois, sentiram os primeiros sintomas da desnutrição: aftas que não cicatrizavam.

Felizmente, a mãe conseguiu fugir de Tathersal e todos voltaram para o apartamento no quinto andar do prédio onde sempre viveram. Deste período, Marika guarda a lembrança de uma cena insólita. Ela e a irmã sentadas, ouvindo o barulho das bombas aéreas do lado de fora, enquanto a mãe arrancava com as mãos os pios das filhas.

GUETO

Em junho de 1944, o governo títere exigiu a confinação dos judeus em guetos: galpões e porões lotados onde se comprimiam 220 mil pessoas. O choro e os gemidos tornavam o ambiente ainda mais odioso.

Marika e Agnes dormiam sem cobertores sobre a porta de uma geladeira abandonada.

Para ganhar mais um pedaço de pão na ração, as irmãs participavam do grupo de voluntários que levavam baldes cheios de fezes e urina para a fossa. Marika ainda recorda uma travessura.

– Eu, Agnes e nossa prima Zsuzsi descobrimos um saco cheio de lentilhas escondido em um canto do porão. Como havia muita gente no lugar, ficamos sentadas em um banco perto do saco. Quando percebíamos que ninguém estava olhando, uma de nós corria e voltava com as mãos e as pregas do vestido cheias de lentilhas. As outras ficavam vigiando. Comíamos cruas mesmo.

LIBERTAÇÃO

Chegaram rumores de que os russos estavam prestes a libertar Budapeste. Em 18 de janeiro de 1945, tropas soviéticas ocuparam a margem oriental do Danúbio.

Horas depois, as portas do abrigo foram arrombadas. Entraram soldados russos e o medo cedeu lugar à euforia. Distribuíam doces para as crianças e abraçavam as pessoas.

Marika lembra-se bem do retorno para casa. Ela e a irmã seguravam nas mãos da mãe. A cidade estava arruinada: prédios reduzidos a escombros, pessoas desesperadas procurando parentes desaparecidos e cadáveres espalhados pelas ruas. Paradoxalmente, nunca a garota sentiu-se tão segura.

Ao chegar perto do edifício, uma primeira surpresa agradável: parecia intacto. Ao entrar no apartamento, uma decepção: fora saqueado pelos vizinhos. Erzsébet tremeu de raiva. Mas algumas pessoas trouxeram de volta os objetos roubados.

“Pensávamos que vocês não voltariam. Pedimos desculpas.”

E quem não quis devolver por bem, recebeu a visita de uma matrona muito zangada. Pouco a pouco, a mobília, a louça e os utensílios domésticos voltaram ao seu lugar original.

Um objeto não foi roubado: a harmônica (instrumento parecido com uma gaita) em perfeito estado. A mãe levou-a aos russos para trocá-la por alimentos e preparou um banquete para as filhas. Era um luxo depois de tantas privações. Com os ingredientes que sobraram, fez pequenos sonhos e as crianças foram vender na esquina da Avenida Korút.

Uma manhã, Marika acordou com Agnes sacudindo-a.

“Papai está chegando!”

A resposta veio acompanhada de um tapa:

“Mentira! Papai não volta nunca mais.”

Mas não deixou de ir à janela para constatar que o pai realmente estava ao lado do portão.

A PARTIDA

As irmãs gostavam de ver os soldados soviéticos marchando na Rua do Tambor. Em pouco tempo, os comunistas organizaram desfiles e campeonatos esportivos que mobilizaram a juventude. Significativamente, tais eventos receberam o nome de Jogos da Esperança. Marika tinha aptidão para os esportes. Por isso, ganhou inúmeras medalhas.

Mas se, para as crianças, tudo era festa, os adultos ainda carregavam um profundo ressentimento. Erzsébet só permitia que as filhas tivessem amigos judeus. Mesmo com os esforços dos russos para cicatrizar as feridas, as medidas surtiram efeitos muito limitados.

A família descobriu que iria aumentar. Erzsébet estava grávida de Peter Pal, que nasceu em 1946.

O medo de um ressurgimento do anti-semitismo perturbava o casal, mas os negócios de Bela prosperavam. A indecisão marcou este momento. Mas foi vencida por Bela:

“Chega. Vamos embora daqui. Vamos para o Brasil.”

Em uma noite natalina de 1946, a família inteira carregou as malas até a estação ferroviária. Os móveis e demais utensílios domésticos ficaram para trás.

Foram até Turim, mas o passaporte de Erzsébet impediu a família de prosseguir viagem: ainda carregava o sobrenome judeu Goldstein. Passaram várias semanas na cidade até receberem a autorização necessária para embarcar. Enquanto isso, trocavam cartas com tia Madalena, irmã de Erzsébet. Madalena já morava no Brasil. Em uma das cartas, a tia enviou 20 dólares, recebidos com euforia pela família Gidali que já começava a passar necessidade.

Marika ficava horas imaginando como seria seu novo país. Com as poucas referências de que dispunha, concebeu na sua imaginação um lugar repleto de criaturas fantásticas e paisagens exóticas.

A VIAGEM

Depois de seis meses de espera, embarcaram para o Brasil. A primeira cena da nova terra que a garota viu quando ainda estava no navio despertou sua curiosidade:

“Como é possível um avião pousar na água?”

Marika estava diante do Aeroporto Santos Dumont no Rio de Janeiro e, obviamente, via a cabeceira da pista à beira-mar.

Ao atracar, puderam descer e caminharam até a Praça Mauá. As meninas aprovaram a nova pátria.

Mas era preciso navegar até o porto final: Santos. Infelizmente, no litoral paulista, burocratas do Estado Novo não permitiram que a família judia entrasse no país. O jeito foi seguir viagem até Montevideu no Uruguai.

Lá, esperaram algumas semanas para receber o visto de entrada no Brasil. Cansaram. Entraram no país como clandestinos passando pela fronteira em Jaguarão no Rio Grande do Sul. De lá, vieram para São Paulo de trem, ônibus e carro alugado.

A sensação de perseguição, que começara no início da guerra, enfim, terminou.

O filósofo

Zeljko Loparic vive no Brasil desde 1969. Estudou filologia na Universidade de Zagreb, capital da Croácia, mas não concluiu o curso. Mudou-se para a Bélgica onde se formou em filosofia pela Universidade Católica de Louvain. Atualmente é docente na PUC-SP e na Unicamp. Três autores estão no centro do seu trabalho: Kant, Heidegger e Winnicott.

Na sala de estar do seu apartamento em Perdizes, zona oeste de São Paulo, Loparic meneava um copo sóbrio de uísque. A casa é decorada com bom gosto: estátuas, quadros e estantes abastecidas generosamente de livros.

Anoitecia e uma forte chuva de verão desabava. Em nenhum momento o professor alterou os modos serenos e o tom de voz baixo. Algumas vezes, procurava com insistência a palavra portuguesa certa para exprimir um conceito específico.

Os anos também cuidaram de desvanecer nomes de pessoas há décadas guardados. Franzia o sobrolho e seus olhos escuros fixavam um ponto adiante. Com algum esforço, as recordações emergiam.

CROÁCIA

Zeljko nasceu no dia 3 de dezembro de 1939 em Jakovlje, a 20 km de Zagreb. O vilarejo fica nas montanhas cobertas de carvalho próximas à capital. Seu pai, Nikola Loparic, era engenheiro florestal. Trabalhava para o Ministério da Agricultura e gerenciava a extração de madeira para construção civil. Era obrigado a mudar-se constantemente com a família. É bem verdade que passaram a maior parte do tempo em Jakolje, onde a família Loparic tinha uma casa construída por antepassados de três séculos atrás.

Sua mãe chamava-se Olga Beros. Como boa parte das moças de classe média, fizera a Escola Normal e lecionava em escolas primárias da região.

A imagem mais antiga na memória de Zeljko data do breve período que sua família viveu na Bósnia-Herzegovina. Tinha, então, três anos.

- Sentia medo quando cruzava com as mulheres de vestidos e véus pretos. Quando as via na rua, corria e pegava na mão da minha mãe.

Eram muçulmanas. A recordação que marcou a primeira infância de Zeljko pode ser um bom ponto de partida para falar sobre o complexo país onde ele nasceu. Etimologicamente, o Reino da Iugoslávia é a terra dos “eslavos do Sul”.

A nação podia ser descrita como um mosaico construído sobre uma mesma matriz étnica eslava. Os croatas e eslovenos eram católicos e tinham os olhos voltados para o Ocidente, especialmente a Itália e a Alemanha. Sérvios e montenegrinos professavam a ortodoxia cristã e tinham seus próprios patriarcados. Desde 1463, sofreram com a dominação otomana e só em 1882 conquistaram sua independência. Já os bósnios deixaram-se islamizar pelos turcos. Em todas as regiões, a língua era parecida. A união de grupos tão diferentes ocorreu em 1918, como resultado do Pacto de Versalhes.

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A família Loparic passou a maior parte da Segunda Guerra Mundial em Jakovlje. O pequeno garoto gostava de passear nos bosques ao redor da cidade. Não é difícil imaginar o fascínio da criança pelos soldados que treinavam e realizavam exercícios de guerra nas montanhas. Os armamentos, os gritos de comando e as fardas despertavam sonhos nos moleques.

Mas não demorou para que a guerra mostrasse seu lado brutal. Com o agravamento do conflito, tornou-se comum ver passar pela cidade caravanas lúgubres de soldados feridos ou cadáveres. A maioria ia para a capital. Alguns permaneciam na aldeia e enchiam de desconsolo as famílias cujos filhos haviam morrido. Felizmente, Jakovlje não conheceu nenhuma batalha.

Em 1941, o comunista Josip Broz Tito teve o mérito de unificar a resistência, esfacelada pelas diferenças religiosas e ideológicas. É verdade também que Tito só se levantou contra os nazistas, quando Hitler atacou a União Soviética, violando o Pacto Molotov-Ribbentrop. Criou-se, então, a Frente de Libertação Nacional.

– Tito era um quadro da Terceira Internacional, muito bem formado em Moscou.

Dois primos de Zeljko lutaram contra os italianos na Dalmácia, região litorânea da Croácia. Nenhum era comunista. Só abraçaram a bandeira vermelha depois da guerra. Foram coroados com bons cargos na administração pública.

Em 1945, os *partizans*, como eram chamados os guerrilheiros da Frente, requisitaram dois cômodos da casa de Stefan Loparic, tio de Zeljko, em Jakovlje. Seriam usados para uma enfermaria improvisada.

– Às vezes, eu entrava nos quartos escuros e ouvia as pessoas gemendo. Estavam deitadas no chão porque não havia camas. Também não havia remédios. Muitas vezes, sangravam e seus membros estavam cobertos com faixas.

A família dava de comer aos soldados feridos. O garoto, com apenas 5 anos, não compreendia direito o que estava acontecendo. Ninguém lhe explicava.

– Na guerra, fala-se muito pouco. Quanto menos se fala, melhor.

Os *partizans* não utilizaram a casa de Nikola, pai de Zeljko, porque era necessário subir uma escada para chegar aos quartos.

REPÚBLICA SOCIALISTA

A guerra terminou e o Partido Comunista venceu a primeira eleição. Tito tornou-se o grande líder do país e fundou a República Socialista Federal da Iugoslávia. Criou-se uma estrutura de poder *sui generis* para garantir o controle dos grupos heterogêneos que formavam o país. A direção das empresas estatais na Croácia foi entregue, na maioria das vezes, a sérvios. A maior parte dos juízes, policiais e diplomatas também era sérvia. Em contrapartida, o círculo mais próximo a Tito era todo croata.

A primeira esposa de Tito nascera na Dalmácia. As outras duas eram sérvias. Esta divisão de forças que começava no gabinete das empresas e no governo, e terminava no quarto do ditador, garantiu o equilíbrio do país por décadas.

De início, houve poucas mudanças na rotina de Nikola. Continuou trabalhando para o Ministério da Agricultura no gerenciamento de serralherias nas aldeias. Como realizava com discrição seu trabalho nas montanhas foi esquecido pelo novo regime. Evitava as discussões políticas e garantia assim a segurança da família.

Sua esposa Olga não teve tanta sorte. Como professora primária, enfrentou o processo de transformação educacional promovido por Tito. Havia dois motivos principais para o embate entre a jovem docente e o regime comunista.

Em primeiro lugar, o Ministério da Educação exigiu a unificação dos currículos e conteúdos das principais disciplinas em todo país. Isso incluía a homogeneiza-

ção dos idiomas. Como já foi dito, as línguas eram parecidas, mas não idênticas. O croata Tito resolveu utilizar o sérvio como norma-padrão para garantir a simpatia dos seus possíveis opositores. Isso implicava, principalmente, a utilização do alfabeto cirílico para a escrita. Olga, que nascera na Dalmácia, litoral da Croácia, não admitia esta diretriz do Estado.

Em segundo lugar, com as reformas foram abolidos todos os símbolos religiosos das escolas, especialmente o crucifixo afixado sobre as lousas. A mãe de Zeljko sentia-se mal com o ambiente francamente hostil à religião. Educada em um colégio de freiras, não deixava de assistir missa todos os domingos. Foi advertida publicamente pela diretora do colégio para evitar o “péssimo exemplo” de uma professora que segue “práticas supersticiosas”. Mesmo assim, continuou com seu hábito dominical. Foi demitida.

No período que essas coisas aconteceram, Zeljko tinha 10 anos de idade. Ao contrário da mãe, estava encantado com o marxismo. Achava uma ótima idéia a organização de cooperativas coordenadas pelo Estado. Também considerava algo muito justo a nacionalização das grandes empresas, casas de comércio e prédios de apartamentos. O igualitarismo era a solução para os problemas do mundo.

– Mas eu notava que os meus colegas de colégio tratavam-me de forma agressiva quando discutíamos temas políticos. Na época, não entendia direito o porquê.

Quase todos os alunos da classe de Zeljko pertenciam a famílias de pequenos proprietários agrícolas da região. Os camponeses eram os mais refratários às reformas promovidas pelo regime. As terras eclesiásticas podiam ser expropriadas facilmente, sem derramar uma gota de sangue. Mas a história era diferente quando tentavam estatizar um lote de 10 hectares pertencente a um produtor rural cujos antepassados cultivaram o mesmo chão.

– Além do mais, as cooperativas fracassaram. Exigiam que os agricultores trabalhassem na terra de todos os cooperados. Isso era incompreensível para aquelas pessoas: “Eu vou trabalhar na minha terra! Ele, na dele!”.

MUDANÇA DE MENTALIDADE

Com 14 anos, Zeljko compreendeu que o processo de estatização da terra não podia dar certo. Havia uma complexa estrutura social montada nas pequenas cidades do país (onde morava 80% da população): os agricultores tinham parentes próximos nas vilas (comerciantes, médicos e outros prestadores de serviço) com quem exerciam uma freqüente troca. A ruptura da relação tradicional com a terra traria consigo um abalo nesta rede. Por fim, Tito adotou uma postura pragmática e extinguiu o projeto das cooperativas.

– Stálin não foi tão inteligente. Massacrrou 7 milhões de camponeses na Ucrânia.

Mas o desencanto com a coletivização das terras foi apenas um dos fatores que motivaram seu ceticismo frente ao regime. O outro foi a perseguição à religião.

– Em uma sociedade onde o Estado ocupava todos os espaços da vida pública, a Igreja era um dos poucos lugares onde podíamos respirar sem o controle soviético ou sérvio.

O cardeal-arcebispo de Zagreb, dom Andrés Stepinac, foi preso e torturado.

– O processo foi uma grande farsa. Fizeram o mesmo na Hungria com o cardeal Mindszenty e com Wyszynski na Polônia. O regime queria destruir as lideranças da Igreja.

Criou-se uma curiosa situação. Neste mesmo período, Zeljko aproximava-se da filosofia kantiana. Sabia melhor do que ninguém que o agnosticismo teórico de Kant trazia consigo o ateísmo prático. Um deus postulado como fundamento da razão prática, mas incapaz de tornar-se objeto da razão teórica, era muito frágil diante das diatribes da reflexão filosófica. O jovem defensor da Croácia católica possuía graves dúvidas de fé.

– Naquela época, ir a uma romaria era um ato político. Houve muitos mártires.

EM APUROS

Zeljko lembra um incidente ocorrido em 1954, quando tinha 14 anos. Quase lhe rendeu uma expulsão do colégio. Carregava consigo um texto cujo título era “A quebra da teofobia na Internacional Socialista”. O autor era um padre de Zagreb

chamado Gaos. O panfleto celebrava a crescente admissão de cristãos nas filas dos partidos socialistas da Europa Ocidental. Apesar do caráter progressista, a obra foi proibida pelo regime. Por isso, os manuscritos eram distribuídos entre círculos fechados de amigos. Carregar esses papéis podia valer alguns constrangimentos e um bom tempo na prisão.

O jovem estudante não agüentava mais a aula de geografia. Por isso, resolveu aproveitar o momento para folhear o documento proibido. Para sua infelicidade, a professora notou que o aluno estava distraído.

“O que você tem aí?”

Engoliu seco e a resposta veio hesitante:

“Nada!”

A professora caminhou até a carteira e arrancou-lhe os papéis das mãos. Olhou para o título e ficou aterrada. Ela era esposa de um importante oficial do exército iugoslavo. Para surpresa do garoto, a mulher devolveu-lhe os papéis antes de sair correndo para a diretoria. Devia estar com pressa, pois leu errado o título do artigo. Ao chegar à mesa do diretor transmitiu a notícia com muita agitação:

“Encontrei um panfleto intitulado ‘A quebra da *teoria* na Internacional Socialista!’”

Enquanto isso, o jovem Zeljko entregou o documento para um amigo que levou os papéis ao banheiro e escondeu-os no sistema de descarga do vaso sanitário.

Os alunos foram dispensados aquele dia, mas Zeljko foi obrigado a permanecer na escola para “acareação”. Quando lhe perguntaram onde estava o texto, disse que não sabia. Mas foi delatado por uma menina:

“Ele não saiu da classe, mas conversou com Josep que levou consigo os papéis”.

Diante da denúncia, Zeljko foi obrigado a revelar o esconderijo do documento. Voltou desolado para casa. Antes, passou na igreja dos jesuítas. Seu gosto pela filosofia aproximava-o da ordem de Santo Inácio e possuía muitos amigos lá. Contou-lhes toda a situação e o receio de ser expulso do colégio. Também disse que não tivera tempo de ler o texto, o que só aumentava seu medo. Foi tranqüilizado pelos padres que conheciam bem o regime e os escritos do teólogo Gaos.

De fato, Zeljko sofreu apenas a suspensão de um dia letivo e uma reprimenda pública. Perguntaram-lhe onde conseguira o texto.

“Um moço deu-me na fila do cinema. Eu não o conhecia.”

Não recebeu qualquer censura dos pais... Havia até um certo orgulho na serenidade com que ouviram a notícia do castigo.

Quando chegou a época de escolher o curso superior, optou por filologia.

– Não quis fazer filosofia porque era, essencialmente, marxismo. Achava má filosofia, medíocre.

Em 1958 e 1959, estudou na Universidade de Zagreb. Conseguiu, então, uma bolsa para estudar filosofia em Louvain durante o ano de 1960. Em 1961, voltou para visitar a família.

DE VOLTA A ZAGREB

Semanas antes, um jovem revolucionário, envolvido em diversas ações de repúdio ao titoísmo, tentara fugir do país. Formou-se uma rede de colaboradores muito ativos para escondê-lo do governo. O agitador foi preso e, sob tortura, revelou o nome de quem o ajudou. Amigos de Zeljko ligados ao esquema acabaram na cadeia. Alguns ainda guardavam cartões postais enviados pelo estudante de Louvain na sua estada em Paris. Tal indício foi suficiente para a polícia secreta iugoslava, a UDBA, acreditar que Zeljko era o último elo da fuga do inimigo do regime.

Ao apresentar a identificação na fronteira recebeu voz de prisão. Ainda não sabia o que acontecera. Foram meses amargos em uma cela de Zagreb. Lembra-se da péssima alimentação, do catre imundo e da fossa onde todos faziam suas necessidades diante dos demais (havia uma escala para limpá-la). Com o passar do tempo, aprendeu os sinais dos prisioneiros. Pequenas batidas nas paredes ou nas grades representavam as letras de um alfabeto particular, parecido com o código Morse. Desta forma, sabiam quem fora solto, preso ou fuzilado.

Dois meses depois, as investigações demonstraram sua inocência e lhe concederam a liberdade. Contudo, o passaporte iugoslavo fora-lhe confiscado durante a prisão e desapareceu.

Enredado em uma burocracia kafkiana, peregrinava por repartições públicas para reaver o documento perdido e conseguir voltar para seus estudos na Bélgica. O

calvário só terminou em 1963, dois anos depois, graças à intercessão de um primo longínquo, que se tornara Ministro da Agricultura.

Munido das recomendações do parente, visitou o escritório do chefe da polícia de Zagreb. Em poucos minutos, saiu com o novo passaporte que, em dois anos de esforço solitário, fora incapaz de conseguir. Desde então, com as boas graças do primo, pôde entrar e sair do país com grande facilidade.

Em Louvain, Zeljko conheceu Andréa Maria Altino de Campos, que também estudava filosofia. Casaram-se e resolveram morar no Brasil.

RAIKO

O professor lecionava na Universidade Federal da Paraíba em 1969. Nesta época, recebeu uma visita inusitada na sua sala.

“Ouvi dizer que o senhor é croata...”

“Sim. Quem é você?”

Era Raiko Petrovic, representante de uma empresa iugoslava de fabricação de máquinas industriais. Morava em Recife, Pernambuco. Tornaram-se bons amigos.

– Quero lhe contar a história de Raiko porque ele é um personagem cheio, complexo... como a Iugoslávia.

Raiko era filho de um montenegrino, capitão do Exército nacional. Nascera quando o pai servia em um quartel da Croácia. Assimilara tão bem a cultura do lugar que se casou com uma filha da aristocracia de Zagreb. Do ponto de vista ideológico, tinha muita afinidade com os comunistas. Como falava bem alemão, tornou-se espião para os *partizans* durante a guerra. Vigiava, especialmente, os colaboracionistas que não desconfiavam do advogado culto e simpático, admitido em uma família tradicional.

Em 1945, com a vitória de Tito, Raiko recebeu uma alta patente no novo exército. Como era hábil e dominava muitos idiomas, tornou-se embaixador do país em Nova Iorque. Passou dois meses lá e não agüentou o tédio da vida diplomática.

De volta à Iugoslávia, foi nomeado diretor da maior siderúrgica nacional. Obviamente, não entendia nada do ramo. Mesmo assim, permaneceu três anos na função. Mais uma vez, vítima do tédio, decidiu demitir-se. Manifestou o desejo de

trabalhar como representante comercial fora do país. Veio para o Brasil, mas não ganhou muito dinheiro. Zeljko acredita que ele não se importava muito com isso.

– Era uma pessoa atormentada.

Já estava cansado da ditadura. Além disso, sofria com dramas de consciência. Zeljko afirmou que o amigo lhe contara muitas coisas, mas não estava disposto a revelá-las. Só fez um comentário geral:

– Acredito que ele foi espião porque seria incapaz de matar outro homem no *front*. Mas, quando revelava algo sobre alguém para os *partizans*, coisas estranhas aconteciam e aquela pessoa morria ou desaparecia. Pensar nisto, entristecia-o porque sabia que era responsável. A guerra é algo terrível. Envolve a sociedade toda. É uma espécie de loucura coletiva.

Quando o país tornou-se independente, Raiko voltou para a Croácia. Em 2002, Zeljko estava em Zagreb e decidiu visitar o amigo. Descobriu que estava no hospital com problemas cardíacos. Conversaram longamente sobre o passado. Raiko chorou. No dia seguinte, Zeljko recebeu a notícia da sua morte.

– Apesar das afinidades lingüísticas e religiosas, não era sérvio. Era montenegrino casado com uma croata e diretor de uma empresa na Croácia. Apesar de pertencer à aristocracia e parecer simpático aos alemães, espionava para a guerrilha socialista de Tito. Tantas contradições em uma única pessoa é algo típico deste período.

Sob muitos pontos de vista, Zeljko considera-se um privilegiado. Apesar de ter conhecido tanto sofrimento, a guerra e o regime deixaram poucas marcas na sua vida.

– Hoje, é estranho. Tudo isso parece um sonho que já passou há muito tempo.

A enfermeira

Com 81 anos, Nina Valavicius caminha com agilidade, fala alto e ri com gosto. Viúva, aposentou-se como enfermeira. Agora, dá aulas de lituano para os filhos da comunidade que ajudou a organizar. Mora em Moema na cidade de São Paulo.

Costuma receber as visitas com um bule de chá e um pote de bombons *Kopenhagen*. Na sala de estar, vemos o quadro de uma jovem vestida com roupas típicas, um amplo sorriso e as feições simples e rijas de uma camponesa.

ANTES DA TEMPESTADE

O retrato não mentia. Nina nasceu em 1926 numa fazenda a 22 km da cidade de Šiauliai no condado de Šiauliai. Sua mãe era russa e chamava-se Tatiana. Seu pai Luca, lituano de velha estirpe, falava diversos idiomas e graduara-se em direito. Depois de trabalhar como burocrata em repartições públicas, comprou 180 hectares de terra onde foi viver com a família. Criava gado e cultivava cereais.

A prosperidade da família Valavicius condizia com o otimismo da população lituana: o país conquistara a independência havia poucas décadas e começara a se reerguer. O futuro era promissor.

Comprimidos pelos povos eslavos a leste e os cavaleiros teutônicos a oeste, os lituanos já constituíam um estado autônomo no alvorecer do século XIII. Em 1386, o grão-duque Jogaila uniu os destinos políticos e religiosos do seu país à Polônia ao desposar a rainha Hedwiges. Tomou então o nome de Ladislau II. Abraçou a fé católica e, com ele, todo o seu povo, um dos últimos na Europa a aderir à nova fé.

No século XVIII, o país caiu sob a dominação russa durante o reinado de Catarina, a Grande. Só conseguiu forças para proclamar sua independência no dia 16 de fevereiro de 1918, como consequência indireta da Revolução Russa de 1917.

O novo governo esforçou-se para fortalecer a identidade cultural do país, diluída depois de séculos de dominação estrangeira. Houve uma primavera para as universidades de Vilnius e Kaunas, cujos diplomas não eram reconhecidos durante a ocupação.

Neste contexto de renascimento cultural, Nina viveu sua adolescência. Percorria a pé todos os dias o caminho que a levava da casa no campo para a estação de trem. Depois de vinte minutos no vagão, chegava a Šiauliai, encontrava as amigas e seguia conversando animadamente até o colégio de meninas da cidade. No final da jornada, realizava o mesmo trajeto no sentido inverso.

Em 15 de junho de 1940, saiu feliz do colégio. Era o último dia letivo e começavam as esperadas férias de verão. Ao entrar em casa, viu seu pai chorando. O rádio estava ligado.

“O que aconteceu?”

“Os soviéticos invadiram a Lituânia.”

A INVASÃO

Com a invasão da Polônia Oriental pelas forças soviéticas, a URSS entregou um ultimato, na forma de aliança de auxílio mútuo a cada um dos Estados Bálticos, contendo a alternativa de assinarem ou serem invadidos. Em 10 de outubro de 1939, a Lituânia atendeu ao ultimato, que incluía o seguinte artigo:

“Art. 7 – A realização deste pacto não afetará, em qualquer grau, os direitos soberanos das Partes Contratantes, em particular os sistemas de organização do Estado, econômico e social, medidas militares e, em geral, o princípio de não-intervenção nas questões internas”.

Dias depois, Vladimir Molotov, comissário soviético para os Negócios Exteriores, comentando sobre o acordo perante o Soviete Supremo da URSS, declarou:

“O caráter especial desses contratos de auxílio mútuo de forma alguma implica qualquer interferência da União Soviética nos negócios da Estônia, da Letônia ou da Lituânia, como alguns jornais estrangeiros procuram inferir. Ao contrário todos esses pactos de auxílio mútuo estipulam, estritamente, a inviolabilidade da soberania dos Estados signatários e o princípio de não-interferência nos negócios de cada um. Os pactos baseiam-se no respeito mútuo pela estrutura política, social e econômica. (...) Declaramos que a divulgação de todas essas tolices sobre os países bálticos é apenas do interesse de inimigos de nossa causa comum e de todos os provocadores anti-soviéticos”.

Essas garantias solenes não passavam de maquiavelismo do Kremlin. Em 14 de junho de 1940, forças armadas soviéticas invadiram a Lituânia. Um mês depois, em 14 de julho de 1940, convocaram-se eleições manipuladas pelos invasores. Uma semana depois, o novo Parlamento pró-URSS da Lituânia requereu a inclusão do país na União Soviética. Em 3 de agosto de 1940, o Soviete Supremo da URSS proclamou a “admissão dos três Estados Bálticos”. Em menos de dez meses, o Kremlin atingiu seus objetivos.

Nina tinha quatorze anos e estava curiosa.

– Os russos cantavam e dançavam muito... Em pouco tempo, suas canções tradicionais já estavam traduzidas para o lituano. E não eram eslavos. Eram asiáticos de cabelos escuros, olhos puxados e quase sem sobrancelhas.

Todos repararam que os comerciantes escondiam seus produtos, especialmente ouro, jóias e relógios, com medo do saque dos invasores. Mas a jovem Nina não os temia. Encantara-se com aquele povo exótico e animado.

Mas o idílio durou somente até o retorno às aulas no dia 1º de setembro de 1940.

A ESCOLA

Como acontecia todos os anos, as alunas reuniram-se no pátio do colégio para caminhar em filas pelas ruas da cidade. Iriam até uma igreja para assistir à missa que celebraria o início do ano letivo.

Havia, desta vez, certa inquietação no ambiente. Algumas colegas de Nina ostentavam uma faixa vermelha no braço. Sua altivez contrastava com a insegurança das demais garotas.

– Lembro-me de que, na minha classe, apenas seis meninas carregavam este distintivo. Uma era russa. Outras duas, de origem judia. A quarta era filha de um rico comerciante, suficientemente astuto para aproximar-se dos invasores. Não lembro quem eram as outras duas.

Não foi necessário caminhar muito para descobrir que não iriam para igreja alguma. As jovens com a faixa vermelha caminhavam na frente e cantavam a plenos pulmões o hino da Internacional.

“*Pirmyn, vergai nužemintieji! Išalkusi minia, pirmyn!* De pé, ó vítimas da fome! Famélicos da terra, de pé!”

As demais vinham assustadas sem compreender direito o que acontecia. Ao voltar para a escola, lotaram o anfiteatro. Os velhos professores estavam no palco. Mas havia rostos estranhos entre eles. Uma mulher desconhecida tomou a palavra:

“Houve mudanças. Serei a sua nova diretora.”

A antiga diretora estava presente. Permanecia sentada em um canto com os olhos fixos no chão. Era muito querida pelas alunas.

A nova diretora resolveu cantar mais uma vez a Internacional, antes de dispensar as jovens. Meia dúzia de professores, alguns por simpatia ao regime, outros por oportunismo puro e simples, levantaram-se. As garotas com a faixa vermelha entoavam com energia o canto. Pretendiam compensar o silêncio das amigas.

A maior parte dos professores permaneceu sentada com o semblante cerrado. A nova diretora exasperava-se fazendo sinais para que se levantassem.

Ao terminar, estava furiosa com o que considerava uma impertinência. Foi, então, que o inesperado aconteceu. Algumas alunas começaram a entoar baixinho.

“*Lietuva, Tėvynė mūsų...* Lituânia, nossa pátria...”

A intensidade do som aumentava a cada verso. Os professores levantaram-se. Lentamente, o hino lituano encheu o anfiteatro. Como todos, Nina chorava. Foram incapazes de terminar o canto, embargados pela emoção e pela tristeza.

A nova diretora esbravejava.

“Vocês pagarão caro por isso!”

A NOVA ORDEM

A Constituição lituana dispunha que a educação dos filhos era “direito supremo e obrigação natural” dos pais, embora as escolas fossem mantidas pelo Estado e todas elas colocadas sob a supervisão estatal “na maneira prescrita em lei”. Tornara-se compulsória a educação religiosa em todas as escolas, exceto naquelas em que os pais dos alunos não professassem credo algum. O ensino religioso seria ministrado conforme a religião do estudante.

Em 1940, a Lituânia tinha uma população de aproximadamente 3.033.000 habitantes, dos quais 80,5% eram católicos-romanos. A religião protestante figurava

em segundo lugar com 9,5%, a judaica em terceiro, com 7,3%, a ortodoxa-grega em quarto, com 2,5%. Somente 0,2% das pessoas não se encaixavam nessas quatro categorias.

No dia 25 de junho de 1940, dez dias após o início da ocupação, o novo governo títere dos soviéticos separou a Igreja do Estado e estatizou as instituições de ensino promovidas por católicos. Aboliu-se toda instrução religiosa nas escolas e introduziu-se a propaganda anti-religiosa no currículo.

Nina lembra-se bem desta fase.

– Os crucifixos foram substituídos por retratos de Lênin e Stálin. As aulas de religião tornaram-se aulas sobre a nova Constituição. Meu marido brincava dizendo que ninguém conhecia a constituição da República Socialista Soviética da Lituânia melhor do que ele. Naturalmente, queriam transmitir-nos sua ideologia. Também éramos obrigados a estudar russo.

É deste período uma das recordações mais duras. O pai de Nina perdeu 150 hectares de sua fazenda: foram desapropriados e entregues a famílias russas que viriam “colonizar” o país e auxiliar a “revolução”. Restava apenas 30 hectares.

Mas os sacrifícios não terminaram aí. Foram obrigados a ceder parte da sua casa às famílias recém-instaladas pelo regime. Apesar de habitarem sob o mesmo teto, o trato com os imigrantes permaneceu seco e distante.

O PESADELO

– Em um dia frio de março de 1941, eu estava fazendo o meu dever de casa. Ouvi o latido dos cachorros. Percebi que duraram pouco. Devia ser gente conhecida.

Pouco depois, um jovem batia na janela. Assim Nina descreve a visita de um antigo funcionário da fazenda. Pediu à menina que chamasse o pai. O rapaz estava tenso.

“Quando eu perdi meu pai e minha mãe, vocês me acolheram. Vocês são a minha família... As listas das pessoas que serão deportadas para a Sibéria já estão prontas. Os nomes de vocês estão lá. A deportação ocorrerá quando o tempo melhorar. Vocês precisam fugir depressa. Não podem mais dormir em casa.”

O jovem deixara a fazenda para procurar um trabalho na cidade e ingressara no Partido Comunista. Daí a informação privilegiada.

Começou então o pesadelo da fuga. Viajavam à noite e dormiam na casa de amigos. Não sabiam quando a desgraça iria abater-se sobre o país. Pensavam que seria em algum dia de abril ou maio.

Na realidade, a trágica data foi 14 de junho de 1941. Durante uma semana, 34.620 lituanos, na maioria pertencentes à elite do país, foram deportados. Na realidade, muitos foram mortos antes de chegar à Sibéria. No processo de retirada, os comunistas massacraram todos os que se achavam no campo de concentração de Parvieniskiai e a maior parte dos que se encontravam nas prisões de Vilnius e Kaunas. Na estrada de Minsk a Mogilev, numa floresta próxima a Cherven, mais de dois mil lituanos, trazidos das prisões do país, foram assassinados pela guarda de escolta.

O plano de deportação delineado por Ivan Serov, vice-comissário soviético de Segurança Pública, era mais ambicioso. Previa a deportação de 700.000 lituanos. No entanto, o avanço nazista atrasou por três anos sua concretização. Entre os anos de 1944 a 1955, com a reintegração da Lituânia à URSS, as estatísticas mais conservadoras apontam 300.000 deportações.

SOB DOMÍNIO NAZISTA

– Sei que é difícil para as pessoas entenderem isso hoje... mas a verdade é que os nazistas foram acolhidos na Lituânia com beijos, doces e abraços: eram os libertadores.

Assim Nina descreve a entrada das tropas nazistas no país no dia 22 de junho de 1941. Os comunistas lituanos fugiram junto com as tropas soviéticas. Os hectares confiscados pelo regime voltaram aos seus antigos donos, mas o pai de Nina desistiu de cultivar a terra. Estava inseguro quanto ao futuro e preferia voltar ao trabalho burocrático na cidade.

– Os nazistas não admitiam nossos ideais nacionalistas. De agora em diante, éramos parte do *Reichskommissariat Ostland*. Pertencíamos à Alemanha.

Pouco depois da fuga dos soviéticos, alguns intelectuais e políticos lituanos resolveram testar a seriedade das ameaças nazistas. Declararam mais uma vez a independência do país. A tímida revolta foi sufocada com brutalidade. Muitos foram

enviados para o campo de concentração de Stutthof perto de Danzig. O escritor Balys Sruoga, um dos pouquíssimos sobreviventes, eternizou a tragédia no romance *Dievų Miškai – A floresta dos deuses* – recentemente transformado em filme.

Enquanto isso, a família de Nina e a maior parte da população lituana atuavam de forma pragmática: ruim com os nazistas, pior com os soviéticos.

– Não era tempo de rebelar-se contra os invasores. Pelo menos, deixavam-nos levar a vida.

O OCASO DA GUERRA

– Quando os soviéticos começaram a avançar na direção do oeste, meu pai falou: “Aqui nós não temos mais futuro nenhum... precisamos fugir para o Ocidente”.

O pai de Nina contava com diversos “pontos de apoio” no território alemão: famílias que emigraram no período anterior à guerra. A professora de francês de Nina no colégio, por exemplo, mudou-se para lá e colocou sua casa à disposição da família.

Além do mais, praticamente todos os alemães estavam no *front*. Nas fazendas e nas fábricas, as mulheres e os prisioneiros de guerra eram responsáveis pela maior parte da produção. Como os lituanos não eram considerados inimigos do Reich, havia boas perspectivas de trabalho para Luca na Alemanha, pois tinham necessidade de mão-de-obra.

O plano deu certo e o pai de Nina arrumou um emprego insólito: tradutor na fábrica de mísseis V-1 e V-2 da vila de Peenemünde (ilha de Usedom, nordeste da Alemanha), ao lado do cientista Wernher von Braun, responsável pelas bombas que destruíram Londres e pelo projeto espacial americano que levou o homem à lua.

– Todos os funcionários desta fábrica eram prisioneiros de guerra. A maior parte não sabia alemão... e quem sabia fingia ignorância para dificultar o trabalho. Meu pai era poliglota. Seu trabalho era traduzir as instruções dos engenheiros alemães para os prisioneiros poloneses, franceses, russos, ucranianos...

O serviço durou pouco. Em 2 de maio de 1945, Von Braun e os demais cientistas do projeto renderam-se à sétima divisão do exército americano. Em 5 de maio de 1945, a base de Peenemünde foi tomada pelo exército soviético.

– Foi uma divisão de poderes providencial. Os americanos ficaram com os cérebros. Os soviéticos, com os papéis.

Diante da proximidade das tropas russas, o pai de Nina enviou sua família para o oeste. Mas não conseguiu fugir a tempo: permaneceu na área controlada pelo exército do leste. Depois de alguns dias, reconheceu a oportunidade para juntar-se à família novamente. Atravessou as linhas soviéticas sem ser percebido e chegou ao território dominado pelos americanos, onde reencontrou a família.

REFUGIADOS

– Quando a guerra acabou, a Alemanha estava lotada de prisioneiros de guerra: franceses, russos, poloneses, tchecos, eslovacos, húngaros, romenos, gregos, italianos... Enfim, só não vimos ingleses. Eles sempre tiveram sorte de viver naquela ilha.

Logo de início, os lituanos entraram em conflito com os norte-americanos. Não queriam voltar para casa e os aliados não entendiam o motivo.

“A guerra acabou. Por que vocês não querem voltar para a Lituânia? Vocês são nazistas por acaso?”

“Não somos nazistas, mas estamos fugindo do regime soviético.”

– Eles tentaram colocar pessoas à força nos trens que iam para o leste.

Houve suicídios.

– Preferiam o inferno a voltar para a Lituânia.

Com o tempo os americanos compreenderam que a viagem daquelas pessoas não terminaria em Vilnius, mas na Sibéria, e desistiram de enviá-los de volta a sua terra.

Em 1947, a família de Nina ainda vivia em um campo de refugiados. Eram chamados *displaced persons*. Os americanos davam rações para as pessoas, mas era preciso arrumar trabalho.

Nina, como o pai, era poliglota. Dominava o russo, o polonês, o alemão, o francês e o inglês. Trabalhou então para a UNRA (*United Nations Relief Administration*) no registro dos refugiados. Passava o dia transcrevendo depoimentos. Seu trabalho ajudava a reunir os sobreviventes das famílias separadas pela guerra.

– Escrevia os depoimentos em quatro vias usando papel carbono. Era preciso pressionar com força a caneta. O braço doía terrivelmente no fim do dia.

Foi então que soube dos campos de extermínio e do genocídio do povo judeu.

– Conheci pessoas que passaram por Buchenwald, Dachau, Auschwitz... Nunca ouvi nada parecido. Eu não queria acreditar que tudo aquilo era verdade.

HORRORES DESCONHECIDOS

Uma história chamou sua atenção de forma particular. O campo de refugiados onde Nina vivia estava no norte da Alemanha em Gronau. Ao levantar os olhos do trabalho de escriba, via na bela paisagem da baía de Lübeck o casco de um imenso navio emborcado.

Um dia, sentou-se diante dela um refugiado de origem judaica e desvendou o mistério da cena curiosa. Em 1945, pouco antes de o conflito acabar, os alemães encheram um imenso transatlântico chamado Cap Arcona com 4.500 prisioneiros de guerra, na maioria, judeus. Aviões Typhoons da *Royal Air Force* inglesa não reconheceram os tripulantes e abriram fogo contra a embarcação incendiando o convés. Os passageiros vivos ficaram presos nos andares inferiores do navio. Em pouco tempo, o Arcona virou e, como a baía era rasa, não afundou. Aproximadamente, 4.150 prisioneiros morreram queimados ou afogados. 350 lançaram-se nas águas frias e nadaram quatro ou cinco quilômetros até a praia. Eram aguardados pelas metralhadoras das SS. Tudo ocorreu no dia 3 de maio de 1945. Quatro dias depois do suicídio de Hitler. Quatro dias antes da rendição alemã.

“Eu e um amigo sobrevivemos.”

Para confirmar a história, Nina pegou um velho álbum de fotos daquela época. O mar estava congelado. Ao lado de amigos, a funcionária da UNRA caminhou até o navio e subiu no casco à mostra sobre o gelo.

VIDA NOVA

“Já chega! Vamos embora!”

Com esta frase, o pai de Nina expressou sua decisão de deixar a Europa. Em 1947, dois países manifestaram o desejo de receber refugiados da guerra: Venezuela e Brasil. EUA, Canadá e Austrália só abriram as portas em 1949.

A escolha do destino ficou por conta de Nina.

– Escolhi o Brasil porque era mais longe do Equador. Sofreria muito com o calor.

O exército americano colocou à disposição um transatlântico chamado General Heitzelmann. Embarcavam em Bremerhaven e aportavam no Rio de Janeiro. O navio fez três viagens para o Brasil: uma em maio, outra em julho e a última em setembro. Em cada uma delas, carregava 800 pessoas. No total, 2.400 refugiados, dentre os quais, 500 lituanos.

Este foi o segundo fluxo migratório de lituanos para o Brasil. O primeiro ocorreu entre os anos de 1927 a 1929, quando a Lituânia enfrentava uma grave crise econômica. Muitos camponeses vieram para cá à procura de uma terra onde pudessem obter seu sustento.

– Cheguei no dia 24 de julho de 1947. Nenhum dos lituanos teve dificuldades para conseguir emprego no Brasil.

Nina concluíra o equivalente ao Ensino Médio na Lituânia. Ao pisar em solo brasileiro, não falava uma única palavra em português. Por isso, foi até o Hospital Santa Helena. Sabia que a instituição era administrada por freiras alemãs e boa parte dos funcionários também viera da Alemanha. Como dominava o idioma, poderiam se entender. A freira que a entrevistou olhava-a com um sorriso que manifestava desejo de ajudar e um semblante que denunciava indecisão.

“Você sabe dividir 100 por 10? E 1.000 por 100?”

“Sei”, respondeu rindo.

“Então está contratada... Mas onde vamos colocar você?... Já sei! No berçário! Lá, você não precisará conversar muito com os pacientes.”

Com a ajuda do Hospital, Nina matriculou-se em um curso noturno de português e, depois, em um de enfermagem.

Foi nesta época que Nina começou a participar das atividades da Comunidade Lituanos no Brasil.

ENTRE IMIGRANTES

Com a anexação da Lituânia à União Soviética em 1940, ser lituano no Brasil trazia algumas complicações: a cultura lituana era, então, associada à cultura bolchevique. Havia uma cartilha do DEOPS que apresentava russos, ucranianos e lituanos como potenciais comunistas.

A acusação tinha algum fundamento. Existia uma organização dentro do PCB chamada *Laba diena* (Bom dia) formada por imigrantes lituanos. Tinha seu jornal próprio e era bastante ativa.

Evidentemente, a maior parte dos lituanos da primeira imigração não sentia qualquer afeição pela ideologia que governava seu país. De qualquer forma, era comum esconderem sua origem e não ensinarem aos filhos sua cultura e sua língua: não queriam transmitir-lhes um estigma político.

Mas quando chegou a segunda leva de imigrantes, a forma como a Comunidade Lituana era encarada pela sociedade brasileira mudou radicalmente.

– Os novos migrantes não eram mais camponeses: havia médicos, engenheiros, artistas, agrônomos e advogados. Há quem diga que os embaixadores brasileiros na Polônia, na Alemanha e na França tinham indicações concretas sobre o perfil das pessoas que o governo queria trazer para cá: mão-de-obra qualificada disposta a começar uma nova vida.

Os lituanos foram desvinculados da associação ideológica com o socialismo soviético. Pelo contrário, eram agora vistos como uma comunidade de resistência.

– O que fizemos aqui foi uma verdadeira revolução: a comunidade voltou a falar lituano, a dançar como lituanos...

O RETORNO

– Em 1978, decidi visitar a Lituânia com uma amiga. Meus filhos e meu marido choravam: não vão deixar você voltar! Vamos perder você!

Nina preencheu toneladas de papel para provar que não estava envolvida com grupos políticos hostis ao regime. Conseguiu cinco dias para visitar sua terra natal. A viagem previa uma escala em Frankfurt de onde partiriam para Varsóvia. Lá, pegariam um trem até Vilnius. Ficariam hospedadas na casa de parentes da amiga de Nina.

Como conheciam uma família em Varsóvia e podiam permanecer uma semana na Polônia antes de ir para a Lituânia, resolveram aproveitar a oportunidade.

– Quando cheguei, estava curiosa para conhecer um regime comunista menos duro. Sem dúvida, eles sofreram. Mas foi bem menos do que a Lituânia, uma república da União Soviética. Não conheceram *sovkhózes* e *kolkhózes*. Cada um tinha seu pedaço de terra para trabalhar.

Para exemplificar, relatava o sermão que ouviu do padre no púlpito.

“Sei que vivemos em um regime comunista... mas isso não significa que vocês deixarão de vir à missa aos domingos, de batizar seus filhos! Não podemos virar as costas para Deus!”

Tal exortação seria impensável na Lituânia soviética.

– Na época, cada dólar valia 140 *złote*. Para se ter uma idéia, um doce muito gostoso chamado *makowiec*, feito com sementes de papoula, custava 4 *złote*. Ou seja, com apenas 1 dólar era possível comprar 35 doces.

As amigas decidiram aproveitar a taxa de câmbio favorável para fazer turismo na Polônia. Visitaram o santuário da Virgem Negra de Częstochowa. Depois, foram para a bela cidade de Cracóvia.

“Vocês não gostariam de visitar Auschwitz?”

A proposta foi feita pelo guia. Ficava a uma hora e vinte minutos de automóvel.

– Aceitamos. Queria conhecer o lugar sobre o qual ouvira falar tantas coisas terríveis no campo de refugiados.

Nina visitou fornos, laboratórios onde realizavam experiências com seres humanos, salas com cabelos humanos, com sapatos, com trapos de roupas, com dentes, com abajures feitos da pele das vítimas.

– Ao sair de lá, estava deprimida e vomitei.

Na época, Nina trabalhava como enfermeira em um asilo de São Paulo. Muitos idosos eram judeus e vieram para o Brasil depois da guerra. Um homem, sobrevivente de Auschwitz, soube que Nina passara por lá. Foi até a sala dela.

“Precisamos conversar.”

– Comparamos o que eu vi e o que ele viveu.

“Agora estou tranqüilo. Agora tenho certeza de que aquilo aconteceu. Já começava a pensar que foi só um sonho ruim... que eu estava enlouquecendo.”

Em Varsóvia, pegaram o trem para Vilnius.

– Fiquei muito feliz ao ver novamente minha terra. Minha única tristeza foi notar como as pessoas tinham medo e não confiavam nos outros.

Enquanto estavam no apartamento, as amigas lituanas apontavam para o teto de cortiça perfurada. E falavam sobre temas inofensivos: o tempo, a comida... Tinham medo de escutas. Precisavam sair de casa para conversar.

Nina queria conhecer o filho de uma amiga.

“Você não pode. Ele trabalha em uma empresa que fabrica peças para ogivas nucleares. Não pode conversar com estrangeiros.”

“Mas eu quero.”

Para superar a proibição marcaram o encontro em um banco da praça. Ele em uma ponta, ela na outra. Ele com um jornal aberto, ela com uma revista. Não podiam trocar olhares. Deveriam fingir que não se comunicavam, que falavam sozinho. Era preciso simular loucura para não enlouquecer.

NA VISITA DE UM PAPA POLONÊS

– Veja esta foto. Foi tirada quando João Paulo II visitou o Brasil em 1980.

Um grupo de moças com roupas típicas lituanas levanta uma faixa imensa com a mensagem “Igreja do Silêncio”. A foto foi estampada na capa de muitos jornais.

O Papa entendeu o recado e fez questão de aproximar-se da comunidade lituana para abraçá-la. João Paulo II conhecia como poucos o drama das pessoas atrás da “cortina de ferro”. De uma forma especial na Lituânia, vizinha da sua Polônia natal. É o que manifesta na carta apostólica que escreveu por ocasião do sexto centenário do batismo da Lituânia.

“A Igreja esteve (...) identificada com a realidade nacional, (...) sobretudo quando surgiram as provações, nas horas escuras e dolorosas que marcaram, ainda em tempos recentes, as vicissitudes da vossa terra. (...) Não quereria deixar de mencionar (...) a numerosa plêiade de filhos e filhas da vossa terra que (...) confessaram abertamente e com coragem a fé recebida no Batismo e a quem nenhuma provação,

nem mesmo a mais dura, pôde separar do amor de Cristo. Tratam-se de bispos, de sacerdotes, de religiosos e religiosas, de catequistas e de simples fiéis, que tiveram que enfrentar humilhações, discriminações e sofrimentos, por vezes mesmo a perseguição e até o exílio, a prisão, a deportação e a morte.”

Esta carta foi escrita em 5 de junho de 1987, antes da queda do Muro de Berlim.

– Um momento muito bonito foi quando o Papa visitou *Kryžių Kalnas*, a Colina das Cruzes, em setembro de 1993. Esse lugar fica perto da fazenda onde morávamos. São só 14 quilômetros.

A Lituânia é um país plano. Qualquer elevação de 500 metros já merece o nome de montanha. Havia o costume, durante o domínio do Império Russo, de plantar cruzes nos montes. Era uma forma de reafirmar a identidade católica dos lituanos, já que este costume não era compartilhado pelos ortodoxos. Com o advento dos soviéticos, as cruzes desapareceram das montanhas (e de todos os lugares). Só houve a exceção do monte ao lado do rio Kulpe. Os soldados arrancavam as cruzes. Na manhã seguinte, havia outras no lugar.

– A Colina das Cruzes tornou-se um símbolo da nossa resistência.

Ao que parece, os líderes da Lituânia soviética ignoraram o conselho de Lênin:

“O Partido (...) organiza a mais extensa propaganda científica, educacional e anti-religiosa possível. É necessário, ao mesmo tempo, evitar, cuidadosamente, ofensas aos sentimentos religiosos de fiéis que possam conduzir ao fortalecimento do fanatismo religioso.”

As deportações e violências tiveram como resultado uma colina coberta de cruzes. Ironicamente, o símbolo que procuravam erradicar.

O cientista

– Não sei o que posso lhe contar de interessante. Quando ganhei alguma consciência do que estava acontecendo, o regime titoísta já estava implantado. Para mim, aquilo era normal.

Peter Slavec é químico, mas trabalhou durante vários anos como espeleólogo. Foi responsável pela catalogação de boa parte das cavernas do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira. Também é um dos membros mais ativos da comunidade eslovena em São Paulo.

Vive em uma rua sem saída, próxima à Avenida Guarapiranga. Na frente da casa, há um imenso carvalho trazido da sua terra natal.

Com um copo de suco de uva preparado pela mulher, uma brasileira de Casa Branca (SP) formada em filosofia pela USP, Peter lembrou fatos “desinteressantes” da sua infância e adolescência na Eslovênia. O olhar atento do labrador da família acompanhava o dono.

SOBRE O PAÍS

Peter nasceu em Maribor, nordeste do país, no dia 20 de junho de 1940, em plena Segunda Guerra Mundial. Seu país fora partilhado entre italianos – o sul – e alemães – o norte. Maribor ficava na área controlada pelos nazistas.

A Eslovênia é, atualmente, o terceiro país com maior área verde preservada da Europa (superada apenas pela Suécia e Finlândia). No sul, permanece intacta a última reserva de mata primária da Europa. O norte está repleto de castelos e muralhas: o pequeno país foi o escudo do Império Austro-Húngaro contra os turcos. No noroeste, encontram-se os Alpes, lugar favorito de Peter. O mar Mediterrâneo banha a costa sudoeste. E, a leste, as Montanhas Dináricas impõem seu domínio. Entre elas, destaca-se o maior pico do país: o Triglav, presente na bandeira eslovena.

RAPTORES DE CRIANÇAS

O pai de Peter, Rudolf Slavec, trabalhava em uma indústria têxtil, mas deixou a escritaninha na fábrica para integrar-se aos *partizans* de Tito, que lutavam para expulsar o invasor.

Na época, agentes alemães raptavam os filhos pequenos dos *partizans*. Silvestra, mãe de Peter, soube que já buscavam seu filho recém-nascido. Desesperada, pediu ajuda aos amigos. Encontraram um lugar seguro para o bebê na casa de um rico empresário simpático à causa nacionalista. Foi necessário transportar o garoto até a capital Ljubljana, na zona controlada pelos italianos.

A capital ficava na região central do país. Peter viajou parte do percurso escondido em uma mala. O casal que o recebeu chamava-se Julia e Žane Miklavc. Eram donos de uma indústria têxtil.

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Sua permanência na família adotiva duraria até o final da guerra. Deste período, guarda pouquíssimas recordações. Em concreto, uma cena resistiu ao esquecimento. Passeava com a babá pelas ruas de Ljubljana quando ouviu a sirene alertando o ataque aéreo iminente. Tinha somente quatro anos e brincava algumas dezenas de metros à frente da moça. Assustado, correu até o abrigo aéreo cuja entrada ficava a poucos metros do lugar onde estava. Ouviu, então, um forte estrondo atrás de si. Virou-se e viu a babá estendida no chão. Seu corpo frágil fora jogado para o lado, atingido por estilhaços da bomba. Estava desfeito.

Outra recordação data do final da guerra: o funeral do seu pai adotivo. Os nazistas descobriram que Žane doava tecidos aos *partizans* para a confecção de fardas. Acompanhado por outros dois funcionários, foi fuzilado diante da própria casa.

DE VOLTA PARA MARIBOR

Em 1947, Rudolf e Silvestra foram para Ljubljana buscar o filho. Só então, com 7 anos de idade, Peter conheceu seus irmãos Janko e Metka. Aos poucos, contaram as aventuras da sua família natural durante a guerra.

A tropa de Rudolf percorria a encosta de uma montanha sobre um vale quando foi avistada por uma divisão nazista na montanha vizinha. Seguiu-se uma violenta batalha e os eslovenos foram trucidados pelos alemães. Com fuzis apontados para a cabeça, Rudolf implorou misericórdia no idioma dos invasores. Foi o único sobrevivente.

Depois de alguns dias em um campo de trabalhos forçados, descobriram que falava muito bem alemão. Enviaram-no para o *front* da Rússia. Operava o rádio dentro de um tanque.

Tentou fugir duas vezes. Na segunda, foi avisado: seria fuzilado na próxima. Resolveu arriscar. Felizmente, conseguiu voltar para casa em Maribor onde permaneceu até o fim da guerra.

Com a família reunida, Rudolf voltou ao seu antigo emprego como gerente da indústria têxtil. Aparentemente, o pior já tinha passado.

Neste ínterim, ocorreu um fato divertido. Peter, com apenas 8 anos, decidiu voltar para a sua família adotiva em Ljubljana. Saiu a pé de Maribor e caminhou durante doze horas na estrada. Com a noite, veio o arrependimento. Foi acolhido por um lavrador que, no dia seguinte, levou-o para casa. A mãe ficou chateada ao saber que fora preterida pelo filho.

– Eu ainda não tinha me acostumado com a nova família.

UDBA

Infelizmente, a paz durou pouco. Dois anos depois, em 1949, Rudolf estava sentado na sua mesa de trabalho quando chegaram dois agentes da UDBA, a polícia política do regime.

“O senhor está preso.”

“Por quê?”

“Acompanhe-nos e nós lhe diremos.”

Entraram no carro e viajaram para Ljubljana sem dizer uma palavra. Foi lançado em uma cela imunda. Dois dias depois, prestou depoimento.

“Conte-nos o massacre nas florestas de Maribor.”

Desnortado, Rudolf explicou o encontro da sua tropa com os soldados nazistas.

“Por que você sobreviveu?”

“Não sei... Também falo alemão e...”

“Alguém informou a posição do pelotão para os nossos inimigos. Acho que foi você.”

“Não!”

“Então por que só você sobreviveu?”

Rudolf estava desesperado e a situação piorava cada vez mais.

“Logo depois, você foi para a Alemanha.”

“Fui para um campo de trabalhos forçados.”

“Mentira! Você lutou ao lado dos nazistas!”

“Enviaram-me como prisioneiro para o *front* russo. Operava o rádio em um tanque.”

“Maldito colaboracionista!”

“Não sou colaboracionista! Lutei pela libertação!”

“Mentiroso!”

Depois do interrogatório extenuante, Rudolf foi lançado na cela. O inferno continuaria nos próximos dias, inclusive com torturas físicas. Mas, com o tempo, foi esquecido e arrastou sua existência na rotina tediosa da prisão. Durante quatro longos anos.

Silvestra, mãe de Peter, soube depois o que acontecera. Um colega do marido almejava a gerência da fábrica de tecidos. Foi ele quem formulou a denúncia contra Rudolf. Com a estatização da indústria têxtil, o delator iníquo recebeu o cargo tão desejado como recompensa pelos “serviços prestados ao povo”.

– Este tipo de ajuste foi muito comum no início do regime.

A família não ficou desamparada porque o mesmo Estado que aprisionava inimigos políticos – reais ou imaginários – também provia emprego para todos. Silvestra foi trabalhar como arquivista no jornal *Večer*. Mais tarde, Metka seria contratada como editora do suplemento semanal do mesmo veículo. Trabalha lá até hoje.

Com o passar do tempo, Rudolf conquistou a confiança dos carcereiros e começou a ajudar na oficina do presídio. Lá, roubou uma lixa. Nas noites de chuva, para que ninguém escutasse, serrava pacientemente as grades da janela. Depois de meses de trabalho, quando as extremidades de duas barras adjacentes já estavam suficientemente gastas, amarrou um lençol em cada uma delas e puxou com toda força. Saíram sem dificuldade e Rudolf reconquistou a liberdade.

Caminhou três dias rumo à fronteira com a Itália, na altura de Trieste. Surgiu, então, um novo desafio: como atravessar a fronteira? Observou o local por uma

semana e descobriu um jeito. Carroças cobertas de feno passavam sem dificuldade de um lado para outro. Rudolf fugiu da Eslovênia escondido no meio do capim.

Passou poucos dias em território italiano. Ainda se sentia perseguido. Procurava um lugar seguro para viver. Pediu informações na Cruz Vermelha e tomou a decisão:

“Vou para o Brasil.”

Era impossível que o encontrassem em um país tão distante e exótico. Sabia também que aqui não havia conflitos. Por isso, na primeira oportunidade, subiu em um transatlântico que vinha para o Brasil.

IDEOLOGIA, ESCOLA, IGREJA

Enquanto isso, Peter começou a freqüentar a escola.

– Se havia algum tipo de doutrinação ideológico, foi feito de tal forma que eu não percebi.

Hoje, tem orgulho do sistema educacional do país.

– As pessoas lá são as que mais lêem no mundo. Vale a pena lembrar que os livros são caros na Eslovênia. Como a população é pequena, são publicados poucos exemplares em cada edição.

Faziam muitas atividades fora da sala de aula. Visitavam os Alpes, os bosques de carvalhos, os rios e as praias. Do currículo anterior à revolução, permaneceram as aulas sobre arte, música e latim. Incluiu-se o estudo da língua russa e do sérvio. Peter não se lembra de nenhum livro didático que citava Karl Marx.

Foi batizado quando nasceu, mas quase nunca ia à missa. Mesmo assim, como todos os eslovenos, jamais se declararia ateu.

– Se me perguntassem, responderia: “Sou católico”.

Mas vivia mergulhado em um “ateísmo prático”. Criou-se o consenso de que religião era coisa de velhas, uma superstição a ser evitada. Os colegas que iam para a igreja no domingo eram malvistas, ridicularizados.

– Não sentíamos falta da religião.

Na sua casa, a avó manteve a fé. Quando chegava a Páscoa, pintava ovos e enchia uma cesta com frutos e doces para a ceia. No Domingo da Ressurreição, arrastava consigo filhos e netos. Era o único dia em que a família exercia alguma práti-

ca religiosa conjunta. Aliás, nas casas vizinhas acontecia o mesmo. A paróquia, vazia nos domingos comuns, ficava repleta de gente.

Peter não se lembra de nenhuma ação do Estado para combater a religião. Nem mesmo críticas ao “ópio do povo” nas aulas. Conheceu esta expressão pela imprensa onde, de tempos em tempos, surgia um artigo mais agressivo contra a Igreja. No entanto, não lhe parecia algo sistemático.

– Talvez a única exceção tenha sido o esforço para descristianizar o Natal... Em vez do Menino Jesus ou São Nicolau, esperávamos o “Vovô Inverno”: uma versão eslovena comunista do Papai Noel.

Hoje, observa-se um reflorescimento das práticas religiosas no país. Ao menos foi o que Peter constatou nas últimas viagens que fez para lá.

A VINDA PARA O BRASIL

No Brasil, Rudolf conseguiu emprego em uma indústria têxtil da Mooca em São Paulo. Enviou cartas para a família na Eslovênia (com nome falso, naturalmente), chamando-os para o Brasil.

Silvestra não pensou duas vezes. Iniciou as negociações para sair do país. Depois de alguns meses e da intercessão de amigos ligados ao regime, conseguiu os quatro passaportes que precisava. Foi até a Itália e, de lá, pegou um navio para o Brasil.

Infelizmente, a dona-de-casa eslovena não conseguiu adaptar-se ao clima tropical. Também teve discussões sérias com o marido que terminaram em separação. Por fim, Silvestra resolveu voltar para a Eslovênia com a filha Metka. Os dois filhos, Peter e Janko, permaneceram no Brasil.

Peter formou-se em Química pela Faculdade Oswaldo Cruz. Mas a paixão pela natureza obtida na escola permaneceu viva: tornou-se um dos mais experientes espeleólogos do Brasil.

A MORTE DE TITO

Em 1980, Tito morreu. Silvestra foi até Zagreb para o enterro.

– É importante refletir sobre isso: não era mentira! As pessoas amavam Tito! Ele não foi um mau governante.

Apesar de possuir uma língua e uma cultura muito particulares, a Eslovênia nunca constituiu um Estado autônomo. Em 1991, pela primeira vez na sua história, tornou-se independente e foi governada por eslovenos.

A escritora

Uma mulher idosa sentada na poltrona verde-escura da sala de estar. As aparências enganam: a televisão fica em outro recinto e ela não tricota suéteres para os netos. Este é o escritório de Tatiana Belinky na sua casa a duas quadras do estádio do Pacaembu em São Paulo.

Tatiana trabalha todos os dias. Vive imersa em livros escritos em russo, letão, português, francês, italiano, alemão e inglês. Gosta de brincar com as palavras.

– Você conhece o meu quadrúpede?

E aponta a bengala de metal ereta ao seu lado, pois o cabo divide-se em quatro pontos de apoio que tocam o chão.

– Ele me leva para todos os lugares.

À sua esquerda, um abajur ilumina a pequena escrivaninha improvisada sobre a poltrona. O telefone não pára de tocar: amigos e editores estão sempre à sua procura.

É capaz de conversar durante horas se a tosse não lhe incomodar. Quando tem uma crise, procura impaciente uma tesoura para cortar a ponta dos sachês de geléia real presenteados por uma amiga. Lança-se com voracidade à guloseima medicinal. Com os lábios lambuzados, sorri com a satisfação de uma criança.

Há um quadro com o rosto da jovem Tatiana, os cabelos lisos e negros, os olhos castanhos e um sorriso de dentes muito brancos.

– O que você acha? Não era de se jogar fora...

Hoje, os cabelos estão grisalhos e abriram-se sulcos na pele lisa do retrato.

Bruxinhas estão penduradas por todos os lados. Com o tamanho de um polegar, quase todas vestidas de roxo, voam sentadas nas suas vassouras.

Sobre o criado-mudo, há um convite de *Bar Mitzvah*. Na porta, a mezuzá não deixa dúvidas das raízes judaicas da dona da casa. Na parede, há uma foto de Júlio Gouveia com quipá e *talit*, o barrete e o manto usado nas orações hebraicas. Ele era um prosélito. Converteu-se ao judaísmo depois de se casar com Tatiana.

Júlio morreu há dez anos, mas Tatiana guarda lembranças suaves e alegres do marido. Algo bem diferente do luto tradicional: nem uma sombra de melancolia.

– Eu o conheci na festa de aniversário de uma amiga. Comia omelete, escondido sob uma mesa. Um amigo disse: “Preciso lhe apresentar o Júlio”. E levantou a toalha da mesa. A primeira coisa que ouvi foi: “Quer casar comigo?”.

Ao receber o entregador da Editora 34, Tatiana brinca com sua estatura:

– Todos são tão grandes agora que sou baixinha.

Ela quase desaparece quando reclina no encosto alto da poltrona. Usa um vestido surrado de veludo preto, que acentua ainda mais sua simplicidade e cordialidade. Toma uma caneta e assina uma nota fiscal. Ao colocar a data, confia uma surpresa.

– 2007... Não imaginei que chegaria aqui.

NASCIMENTO

Tatiana nasceu no dia 18 de março de 1919 em Petrogrado, dois anos depois da Revolução Russa. A cidade seria batizada em 1924 por Stalin como Leningrado. Hoje, é São Petersburgo.

Sua mãe chamava-se Rosa.

– Ela tinha perfume e espinhos.

Era amável e enérgica. Tatiana também a descreve como “um metro e meio de dinamite”.

– Dentista, comunista e feminista: três palavras para definir minha mãe.

Formara-se na Universidade de Talin na Estônia. Mas sua terra natal era Riga, capital da Letônia. Tatiana sublinha sua independência, mas relativiza seu “comunismo”.

– Era uma comunista romântica parecida com os artistas brasileiros das décadas de 60 e 70. Não conhecia os escritos de Marx. Lutava por um ideal geral de justiça e igualdade.

O pai de Tatiana, Aron Belinky, era muito diferente da mulher e cinco anos mais novo. Filho de exportadores de madeira, ganhava um bom dinheiro com os cobiçados pinhos-de-riga. Possuía um temperamento sereno e afável. Também nasceu na capital da Letônia.

Depois de casar-se com Rosa, decidiu estudar psicologia em Petrogrado. A mulher gostou da idéia: poderia acompanhar de perto o ambiente revolucionário

que já fervilhava na Rússia. Aron era um jovem liberal. Não compartilhava nem um pouco a admiração da mulher pela utopia socialista. Esperava voltar, o quanto antes, para os seus pinhos na Letônia.

Em 1916, Rosa engravidou. Nesta época, começara a engajar-se politicamente. Infelizmente, compareceu a um protesto que foi reprimido com violência pela guarda czarista. Comprimida e pisoteada pela multidão em fuga, sofreu um aborto.

Dois anos depois, o país mergulhava em uma violenta guerra civil. O regime soviético iniciara um processo severo de expurgo revolucionário. Em meio à tempestade, Rosa engravidou novamente. Tatiana estava a caminho.

Quando a gravidez já levava sete meses, Aron foi preso. Tatiana garante que o pai não se envolvera com qualquer atividade contra-revolucionária. O único crime de que poderiam acusá-lo era o de ser um jovem burguês. Naturalmente, Rosa ficou furiosa. Foi visitar o marido na prisão e aproveitou para esmurrar a mesa do comissário.

“Que espécie de comunista é você? Prende um homem inocente que não fez nada! Isto não é comunismo! Onde está a justiça?”

E resolveu ameaçá-lo com as armas de que dispunha.

“Se você não libertar meu marido, vou subir na sua mesa e dar à luz aqui mesmo!”

O comissário achou graça e, de fato, soltou o assustado Aron. O casal foi recrutado para “trabalhar pela revolução”. Rosa, como enfermeira. Aron foi alistado na burocracia das forças de segurança. Obviamente, a contragosto. Abandonou os estudos e nunca mais teve chance de recomeçá-los.

Mas a pequena Tatiana não se adaptou bem ao frio agressivo de Petrogrado e, além do mais, havia carestias cíclicas na cidade. A família Belinky experimentou a fome e o medo.

Cansado, Aron decidiu voltar para Riga com a família. Como cidadãos letonianos, não teriam dificuldades de deixar o país. Com um ano de idade, a pequena Tatiana embarcou em um trem nos braços da sua mãe. Conheceria os tios e avós na Letônia.

RIGA

Na nova cidade, nasceram Avraham e Benjamin, os irmãos mais novos de Tatiana. A família alugou um apartamento na Rua dos Navios.

A janela mais cobiçada era a da sala de jantar. De lá, podiam contemplar o Rio Dáugava que, na época, chamava-se, em russo, Dviná. Era largo, pois estava muito próximo da sua foz no Golfo de Riga. Grandes navios cargueiros passavam diante daqueles olhos infantis carregando o pinho-de-riga e as conservas do Báltico. A madeira também descia em forma de jangadas, grandes toras unidas por cordas, manobradas por homens de longos chuços nas mãos.

Havia três pontes diante da janela. A primeira era de ferro, por onde passava o trem. A segunda era de pontões, destinada aos veículos e pessoas. A terceira era de madeira, construída pelo exército austro-húngaro em 1914, quando as tropas do *kaiser* passaram pela Letônia.

A ponte de pontões chamava particular atenção: ela se abria no meio para a passagem dos navios mais altos.

– Às vezes, eu estava na ponte e via as chaminés e os mastros desfilando bem na minha frente!

OS AVÓS

Tatiana só conheceu dois avós: a mãe de Rosa e o pai de Aron.

O avô encarnava a imponência e a energia. Como um velho patriarca, os quinze filhos e as dezenas de netos reverenciavam-no. Aron era o filho caçula. De alguma forma, isto granjeava certos privilégios para Tatiana e os irmãos, os netos mais novos.

– Lembro-me de que ele tinha uma bengala grossa, de castão de prata, representando uma cabeça de leão. Segurava-a entre as suas mãos fortes como se fosse uma barra fixa e meu irmão Avraham se pendurava e fazia exercícios.

Outra lembrança cálida: o avô presidindo a comprida mesa do *seder*, a ceia da Páscoa judaica. Ele relatava, para a grande família reunida, com voz grave e modulada, a história da escravidão no Egito e da libertação do povo hebreu.

A avó também permanecia viva nas memórias da neta.

– Foi a primeira mulher que vi fumando.

Na realidade, eram cigarros medicinais ministrados com pastilhas Valda, um tratamento utilizado na época para aliviar crises de asma. A avó era uma mulher bastante carinhosa e tímida, bem diferente do temperamento ardente da filha Rosa, mãe de Tatiana.

Tantos anos depois e outra cena permanece: a avó cobrindo o rosto com as mãos, lenço de seda na cabeça, pronunciando comovida a bênção das velas do *shabat*, ao anoitecer da sexta-feira.

No Brasil, os avós foram a principal fonte de saudade. A neta não sabia que nunca mais os veria.

EMOÇÕES INFANTIS

Dos quatro anos de idade, Tatiana guarda a forte recordação de botas altas e pretas correndo diante dos seus olhos. O apartamento de cima, na cobertura do edifício, pegara fogo. Um grupo de diligentes bombeiros corria pressuroso para apagar o incêndio antes que se alastrasse pelo prédio. Na porta de casa, a pequena menina via aqueles homenzarrões que pisavam pesado com suas botas apressadas.

Naquele momento, ela não entendeu muita coisa. Não chegou a ver fogo. Na realidade, tudo era mais parecido com uma inundação. A água usada para apagar o incêndio infiltrou-se pelo forro e escorria pelas paredes. Até pingava do teto bem no meio da sala, como uma chuva. A mãe, naturalmente, ficou muito aborrecida.

Mas havia outros tipos de emoção. Por exemplo, quando o pai trazia frutas tropicais do mercado da cidade.

– Eram caríssimas. Geralmente, ele trazia uma de cada vez.

Tatiana recorda o dia em que o pai trouxe uma banana. Ela e o irmão Avraham cortaram-na no sentido longitudinal para um pedaço não ficar maior do que o outro.

– Eu nunca vi mais que uma banana de cada vez. Elas devem crescer assim: de uma em uma, penduradas em árvores altas e esguias.

O abacaxi, que eles chamavam de ananás, só aparecia em forma de rodela saídas de latas importadas.

A laranja, uma delícia mediterrânea, era descascada pelo próprio pai com um canivete. Ele realizava incisões no sentido dos “meridianos” e, com o cabo de uma

colher, arrancava as tiras de casca sem machucar a polpa da fruta, bastante avermelhada. Então, a fruta era separada nos seus gomos e dividida entre os ciumentos filhos da família Belinky.

A mexerica, conhecida como mandarina na Letônia, também era uma rara iguaria. Muito mais fácil de descascar que a laranja, exigia a mesma divisão ciosa e justa dos gomos para não gerar conflitos fraternos.

O FRIO

O inverno em Riga era quase igual ao de Petrogrado: a temperatura atingia 30°C negativos. Mas o sistema de aquecimento das residências fora bem projetado. Além disso, as janelas possuíam duas camadas de vidro separadas por poucos milímetros. O suficiente para que o ar funcionasse como isolante térmico. As frestas da janela eram vedadas com tiras de papel e cola

As crianças costumavam esfregar a manga da camisa na superfície embaçada do vidro. Construíam, assim, uma clarabóia para o mundo.

Nesta época, a mãe deixava maçãs nos parapeitos das janelas. Durante as noites gélidas, as frutas encolhiam, ficavam murchas e escuras. Logo depois, Rosa tirava-as de lá e colocava sobre os radiadores do aquecimento central onde descongelavam e se transformavam em sobremesa.

Os rios ficavam congelados. As pessoas deixavam de usar as pontes e cruzavam a superfície da água com patins e trenós.

– Mas o espetáculo mais terrível era o degelo no início da primavera.

A temperatura aumentava, o gelo começava a derreter, o rio inchava, a água subia e, de repente, a camada superficial rachava com um barulho muito forte. Grandes blocos irregulares desciam a correnteza impetuosa do rio, rumo ao mar. Certa vez, Tatiana viu uma vaca sobre um bloco de gelo flutuante. O animal estava confuso na sua viagem fatal que acabaria no meio do mar. Tal era a rapidez com que essas mudanças subitamente aconteciam.

No último degelo que Tatiana assistiu em Riga, a correnteza da enchente foi tão violenta que os enormes blocos de gelo arrebataram a ponte de madeira, arrastando-a para o mar.

A FRÄULEIN

Rosa e Aron confiaram a educação e o cuidado dos filhos a uma governanta alemã. Também dela Tatiana guarda várias recordações. Quando a temperatura invernal descia para suportáveis oito ou dez graus negativos, ela levava as crianças para caminhar no parque com seus pequenos trenós.

Conversavam em alemão. Havia, por exemplo, atrás do prédio, uma rua que eles batizaram como *Pustenicht-Strasse*: a Rua-do-Não-Sopre. Era estreita e continha casas e edifícios de poucos andares. Tinham uma aparência envelhecida: todas as vidraças estavam quebradas, as portas arrombadas, as paredes desabando. Era o que restou de um tiroteio durante a Primeira Guerra. Tatiana e o irmão Avraham encontravam cápsulas de fuzis pelo chão, mas eram proibidos de pegá-las. Uma criança vizinha apanhou uma delas, que por desgraça não estava deflagrada. Explodiu na mão da menina arrancando-lhe dois dedos.

– Mesmo assim, gostávamos de caminhar entre os escombros e imaginar as coisas emocionantes que aconteceram ali.

Em casa, a família falava russo. De fato, desde o século XIX, o país fora anexado ao Império czarista. Até hoje, 30% da população é russa. De forma intermitente, a Alemanha também se apoderava do território. O fato é que em novembro de 1918, quatro meses antes de Tatiana nascer, o país tornou-se independente.

A rua onde moravam ficava bem perto do porto fluvial. Chamava-se, significativamente, Rua dos Navios. Como resultado da conturbada história do país, as placas eram políglotas. Primeiro, o nome da rua vinha em letão: *Kudju Iela*. Depois, em alemão: *Schiffstrasse*. Por fim, em russo: *Karábelnaia*.

O letão era utilizado pelo povo mais simples e as crianças da família Belinky não o dominavam completamente.

Mas nem todas as placas eram inofensivas.

A querida Fräulen gostava de caminhar com as crianças pelo Parque Arcádia. Era o preferido de Tatiana. Mas ela não se esquece de uma placa: “Proibido para cães e judeus”. Também em vários idiomas.

– Era um resquício do anti-semitismo russo.

MUSEU DO HERMITAGE

Em 1928, a família visitou novamente a cidade onde Tatiana nasceu. A essa altura, já se chamava Leningrado. Ficaram hospedados na casa de uma tia e a garota comemorou seu nono aniversário.

Caminhava às margens do Rio Nievá e visitava os teatros, palácios e igrejas, impressionada com a beleza da cidade. Mas o que mais lhe marcou foi a visita ao Museu do Hermitage.

– Diz a lenda que, se alguém parar um minuto diante de cada quadro, escultura ou objeto do Museu, poderia entrar no prédio criança de colo e sair um velho de oitenta anos.

Exageros à parte, a menina passou quase correndo pelos grandes salões. Mesmo assim, algumas obras permaneceram gravadas na sua memória.

APREENSÃO

Aron estava apreensivo. Pressentia que a União Soviética poderia lançar-se, a qualquer momento, sobre o país. Não estava nos seus planos viver em uma República Socialista. A experiência em Petrogrado eliminou qualquer simpatia que poderia sentir pelo regime.

O otimismo da esposa com o novo sistema era incapaz de afugentar a idéia que ganhava forma dia a dia: “fazer a América”.

Ao pé da letra, isto significava emigrar para os Estados Unidos. Mas as cotas de emigrantes letões para o país já estavam esgotadas. A fila de espera por um visto poderia demorar anos.

A segunda opção era a Argentina, considerada o país mais rico, civilizado e “europeu” da América do Sul. Mas as filas para embarque, apesar de menores, também exigiam anos de espera.

Ao mesmo tempo, o Brasil estava de braços abertos. Especialmente para receber trabalhadores nas lavouras de café e operários nas fábricas. Aron e Rosa não pertenciam a nenhum destes grupos. Eram profissionais liberais.

Aron, sempre tão compreensivo e aberto, desta vez, foi inflexível: viria para o Brasil. Rosa respeitou a decisão. No fundo, também sofria com a incerteza do futuro.

Tatiana não sabia quase nada do país onde iria viver o resto da vida. Para ela, a América significava índios apaches e arranha-céus. A América Latina não existia no imaginário da garota. Na realidade, só duas vezes o nome Brasil ficou gravado na sua memória.

Na coleção de selos do seu pai havia um com a estampa de sacas de café e a inscrição “Santos – Brasil”. Havia também uma música que sua mãe gostava de cantarolar: “...e quando chegar o cruzador brasileiro, o capitão vos contará sobre as gueixas, a cínica dança africana e o famoso holandês voador...” Enfim, algo que só aumentava a confusão de Tatiana.

A VINDA PARA O BRASIL

Em julho de 1929, Aron iniciou sua viagem para o Brasil. Instalou-se em uma pensão da Rua Jaguaribe em São Paulo.

Três meses depois, no início de outubro de 1929, Rosa e seus três filhos partiram também.

Não foi fácil controlar a emoção na estação ferroviária. Lá estavam os tios, primos e avós. Um primo de Tatiana chamado Marc, um ano mais velho, disse entre lágrimas:

”Prometa que você vai me esperar. Não se case, eu vou buscar você!”

Este foi o único momento do relato em que uma sombra tomou conta do rosto da escritora.

– Naquele momento, eu não sabia. Nunca mais veria meus tios, primos e avós. Eles foram mortos pelos nazistas.

O trem foi até Berlim. Lá, Rosa comprou novos instrumentos para cirurgias odontológicas. Previa qual seria seu principal ganha-pão no Brasil.

Mais uma vez, foram até a estação ferroviária. O destino agora era Hamburgo, a grande cidade portuária alemã. Lá, subiram no transatlântico *General Mitre*. A pequena Tatiana não esqueceu o nome da companhia de navegação: *Hamburgsuedamerikanische Dampfschiffahrtsgesellschaft*, a “companhia-de-viagens-a-vapor hamburgo-americana-do-sul”.

Começaram a viagem na terceira classe, junto com os operários e lavradores. Depois o capitão deu-lhes uma cabine da tripulação, melhor até que a da primeira classe: uma mãe com três crianças não poderia ficar em lugar tão apertado.

A viagem foi encantadora para as crianças. As alvoradas, os crepúsculos e a linha do amplo horizonte causavam uma forte impressão. Tatiana tinha dez anos. Avraham já fizera sete. O pequeno Benjamin começara a andar e já aprontava das suas. Com apenas um ano e três meses.

No meio da viagem, Rosa deixou o bebê sob os cuidados de Tatiana e Avraham. Um descuido de apenas dez minutos foi suficiente para que a criança desaparecesse. Quando a mãe percebeu, ficou desesperada. Toda a tripulação corria pelo navio à procura do menino. Correu o boato: criança ao mar! O que, naturalmente, só aumentou o nervosismo de Rosa.

Um dos marinheiros lembrou-se do porão onde viajava a “quarta classe”: homens negros contratados para trabalhar nas lavouras da América do Sul.

De fato, o garoto estava lá. A mãe e a filha desceram as escadas do navio correndo e viram uma cena insólita: cercado por rostos negros e sorridentes, o pequeno Benjamin estava feliz e risonho sobre uma mesa.

JÁ NO BRASIL

Aron encontrou a família no Rio de Janeiro. Juntos, vieram para Santos e, do litoral, para a cidade de São Paulo. Na nova vida que construíram no Brasil, dois fatos ainda remeteriam Tatiana ao passado na Europa.

O primeiro foi a assinatura do Pacto Molotov-Ribbentrop. O tratado de não-agressão germano-soviético também estabelecia a partilha da Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia, Polônia e Romênia.

Tatiana lembra-se do dia em que o pai leu esta notícia.

“Minhas piores previsões se cumpriram.”

Aron intuía qual seria o destino da pequena Letônia e da sua própria família. Até criou um neologismo para o processo político que lamentava: “Soviéticos e alemães estão se ‘concheirando’”, uma tentativa de traduzir o russo *sniúkbatsa*, verbo que designa a ação de dois cachorros quando se encontram na rua e encostam os focinhos para se reconhecerem mutuamente.

Na década de 60, Tatiana já era conhecida em todo Brasil: adaptara o “Sítio do Pica-Pau Amarelo” de Monteiro Lobato para a televisão. Resolveu, então, realizar um sonho da mãe, cujo fervor comunista não diminuía. Acionou seus contatos para conseguir dois vistos de entrada na União Soviética.

– Lembro-me da visita à Praça Vermelha em Moscou. O que mais me impressionou foi o cadáver de Lênin, embalsamado e exposto no mausoléu em um caixão de vidro.

O músico

A igreja da Anunciação fica em um quarteirão da Rua dos Sorocabanos, bem ao lado do Monumento da Independência, no bairro do Ipiranga em São Paulo. Separada da cidade por muros em ruínas e abraçada por um jardim com flores laranja, árvores altas e bambus, o pequeno templo permanece fechado a maior parte do tempo. Exceto no primeiro domingo de cada mês, quando é celebrada uma missa.

A cruz sobre a torre testemunha que não é uma capela comum: possui três traves horizontais, sendo a mais inferior oblíqua. É uma cruz russa.

O lugar tornou-se um ponto de encontro para os imigrantes que vieram ao Brasil no final dos anos 40 e no início dos 50. Foram acolhidos pela Capelania Ecumênica, uma iniciativa dos jesuítas que recebiam os fugitivos da União Soviética.

Até hoje, as missas são celebradas segundo o Rito Bizantino Esloveno, de um modo quase idêntico ao utilizado pelos ortodoxos russos. Exceto, naturalmente, pela menção ao “Papa de Roma” em algumas orações.

O pequeno átrio possui um sino. Antes da celebração, fica repleto de russos que conversam animadamente. As paredes da igreja estão cobertas de ícones dispostos de forma caótica. A maioria são reproduções de originais que estão em mosteiros do Oriente. Outros são frutos de um processo evidente de “inculturação”. Por exemplo, a pintura segundo o cânone oriental de Madre Paulina, religiosa que viveu no Brasil e foi canonizada por João Paulo II.

As madeiras do coro e do chão estão impregnadas do cheiro de incenso acumulado durante décadas. O anteparo entre o santuário, onde fica o altar, e a nave, destinada ao povo, foi construído com compensados. Surge assim uma curiosa combinação: solene e mambembe.

Neste ambiente insólito, Victor Emilianovich Selin falou sobre as peripécias e as desgraças que o trouxeram ao Brasil. Seus olhos de um azul sereno e claro contrastam com o relato passional que faz da própria vida. Gesticula com energia e ri com gosto no final de cada história. A calvície e a barba grisalha conferem-lhe o ar

respeitável do professor de música clássica e coral. A alegria tira importância às sombras que encontrou depois da Segunda Guerra Mundial.

A FAMÍLIA

Seu avô materno chamava-se Serguei Kolesnikov. Casara-se com uma moça chamada Tatiana e tiveram três filhos: Victor, Liev e Lídia. Moravam em Moscou. Serguei era coronel de cavalaria e dono de um quarteirão de casas que lhe proporcionavam uma boa renda.

Quando chegou a Revolução de 1917, não quis lutar contra os vermelhos, apesar da convocação. Mudou-se para o leste, seguindo o caminho da ferrovia Transiberiana. Tatiana estava grávida de Lídia, mãe de Victor. A viagem foi extenuante e a menina nasceu no caminho.

Antes de chegar a Vladivostok, o porto russo no Pacífico, a ferrovia cruzava uma estreita faixa de território russo que cortava a Manchúria, pertencente à China. Inicialmente, esta faixa tinha apenas 1 km de largura. Com o passar do tempo, ela cresceu e surgiram cidades às margens da estrada de ferro.

A família Kolesnikov mudou-se para uma fazenda há 100 km de Harbin, uma cidade situada no meio do enclave russo na Manchúria. Lá, Serguei conseguiu trabalho como diretor da estrada de ferro.

Com a derrota, muitos “brancos” (simpatizantes do czar) migraram para o Extremo Oriente. Alguns permaneceram na China, outros foram para o Japão. Mas não demorou muito para que a fúria vermelha atravessasse oito fusos horários para punir os opositores do regime.

Aquelas terras haviam sido dominadas pelos japoneses durante a guerra. Apesar de tratar com extrema crueldade os chineses, os soldados do Sol Nascente respeitavam os russos. O exército bolchevique marchou até Vladivostok e empurrou os invasores de volta para o Mar Amarelo. Reconquistada a soberania do território, restava ainda o trabalho da polícia política.

Lídia casou-se com Emilian Selin logo depois da guerra. Após poucos meses, já estava grávida de Victor. Em 31 de dezembro de 1946, a família comemorou o nascimento do menino. Na primeira quinzena de janeiro, Emilian levou a mulher e o filho para a casa que comprara em Harbin.

SOMBRAS

Em março, voltaram para visitar a fazenda dos avós do garoto. Encontraram uma propriedade abandonada. Caminharam até o sítio vizinho.

“Onde estão os Kolesnikov?”

“Os bolcheviques levaram-nos... foram acusados de colaboracionismo com os japoneses.”

Dois dias depois de ser presa, Tatiana, mãe de Lídia, morreu. Não suportou o desespero. Serguei e os filhos, Victor e Liev, com suas respectivas famílias, foram enviados aos *gulags* das minas de carvão. Tornaram-se prisioneiros em um campo de trabalhos forçados. Nunca mais se ouviu falar deles.

– Você sabe qual é a lógica dos *gulags*? Uma ironia cruel. “Não gosta do regime? Então, você não vai ser fuzilado... Vai morrer trabalhando pelo regime que odeia”.

Lídia recebeu uma advertência dos vizinhos:

“Fuja você também. Os bolcheviques ainda podem voltar e farão o mesmo com vocês”.

Emilian levou a esposa e o filho. Mas a taça do sofrimento da família ainda iria transbordar. Poucas semanas depois, o marido de Lídia foi assassinado em Harbin.

Victor nunca soube o motivo do crime. Aliás, não conheceu nem mesmo o rosto do pai... A mãe cortara todas as fotografias onde o marido aparecia. Por isso, Victor suspeita de um motivo político: talvez ela quisesse apagar qualquer ligação com Emilian para proteger o filho.

– Minha mãe não quis me dizer o que realmente aconteceu. Só comentava: “Seu pai nos amava muito. Ele nos carregava nos braços”.

Sozinha e com um bebê, Lídia viu-se envolvida em um dos processos revolucionários mais violentos do século XX: a ascensão do maoísmo.

– Em uma revolução, todos são iguais. Minha mãe tinha curso superior de contabilidade. Não serviu para muita coisa. Foi obrigada a trabalhar no hospital de Harbin como faxineira.

Só depois de alguns anos, perceberam que ela sabia ler e escrever. Então, tornou-se almojarife dos remédios. Neste ínterim, diagnosticaram-lhe um câncer no

intestino. Deixou o filho de três anos na casa de uma família russa amiga e dirigiu-se ao hospital para submeter-se à perigosa cirurgia conduzida por médicos chineses. Felizmente, tudo deu certo e ela voltou para buscar o filho.

OLHAR INFANTIL

As lembranças destes anos permaneceram gravadas na memória de Victor. As estações do ano eram bem definidas e impressionavam profundamente os sentidos de qualquer criança.

O inverno era frio. Na rua, fazia -20 °C. Com o vento, a sensação térmica era de -40 °C.

– Pássaros apanhados em pleno vôo por uma rajada de ar, caíam duros.

O rio Sungari congelava. No dia 6 de janeiro, a comunidade ortodoxa comemorava o batismo de Cristo no Jordão. Victor lembra que todos iam para o meio da superfície congelada do rio. No lugar, haviam aberto previamente uma piscina com cerca de 15 m². Em um dos cantos, colocavam a escultura de um crucifixo feito no gelo. Sobre ele, uma pomba talhada no mesmo material para representar o Espírito Santo. Rezava-se a missa sob um frio de rachar. Cantarolavam-se cantos seculares e os padres vestiam ricos paramentos brancos. Quando terminava, os fiéis mais corajosos pulavam de sunga na água gelada.

Na primavera, começa o degelo. Victor ouvia da sua casa o estrondo das placas congeladas quebrando e a água arrastando os pedaços para o mar. As árvores, nuas e escuras, ficavam cobertas de gralhas barulhentas. Apareciam os brotos. Aos poucos, o aroma da nova floração deixava o ar leve. A temperatura amena e a luz viva que não ofusca enchiam de alegria as crianças.

– Não sei como é em outros lugares... Mas a maior parte dos noivados em Harbin começava na primavera!

O verão era quente: 35 °C. Todos corriam para pescar no rio. A turma de garotos gostava de cruzar a ponte sobre o Sungari para caçar faisões na floresta de carvalhos que cobria a outra margem. Era comum uma superprodução de caviar vermelho, que, por isso, era vendido à população a um preço muito baixo.

– Lembro que, uma vez por ano, minha mãe colocava uma tigela enorme no meio da sala de jantar repleta do caviar da melhor qualidade. Ao redor, colheres de sopa para servir-se à vontade a qualquer hora do dia.

No outono, as famílias iam para os cemitérios, verdadeiros jardins, onde faziam piqueniques. Havia árvores altas e muitos arbustos, além de banquinhos e mesas construídas especialmente para este fim. Os caminhos estavam forrados com as folhas caducas. Victor afirma sentir orgulho de uma cultura que não teme a morte.

– Os cemitérios não eram lugar de tristeza, mas de alegria. Todos estão vivos.

Com um tom de voz não isento de ironia, Victor aproveitou a descrição para falar da religiosidade do *Homo sovieticus*.

– O comunismo tentou tirar a religião da Rússia. Mas Moscou é a cidade das mil cúpulas! E nós, o povo mais religioso do mundo.

As pessoas amontoavam as folhas nas ruas para, depois, queimá-las. As crianças aproveitavam para jogar-se com alegria nos montes fofos e laranjas.

O pequeno Victor tinha muitos amigos chineses com quem brincava. Era raro um garoto russo que falasse o dialeto chinês da Manchúria. O contrário também. Mas Victor dominava os dois idiomas. No inverno, por exemplo, os chineses construía dois tobogãs em extremidades diferentes do rio Sungari, todo congelado.

O garoto convidava um amigo chinês e levavam o trenó ao cimo do tobogã. Deitavam um sobre o outro e desciam a toda velocidade até o outro lado do rio. Para voltar, repetiam a operação.

MAO

Mas, com o passar do tempo, Victor começou a sofrer discriminação dos amigos chineses. Não queriam mais brincar com ele e tratavam-no com agressividade. O ódio das crianças contrastava com a cordialidade dos adultos. Os pais ainda manifestavam carinho e respeito.

Certa vez, roubaram-lhe um “tesouro”: uma câmera fotográfica quebrada, que usava nas suas aventuras. Foi conversar com a mãe do colega ladrão. Constrangida, ela lhe pediu desculpas e devolveu o objeto.

– Na época, eu não podia entender o que estava acontecendo. Só quando cheguei ao Brasil descobri a verdade: o sistema de ensino chinês estava mudando. O maoísmo incutia nas crianças a xenofobia: “a China para os chineses”.

O processo agravou-se até culminar na expulsão dos estrangeiros em 1956. Hoje, moram apenas duas ou três famílias russas em Harbin. Quase todas fugiram ou foram expulsas pelos chineses.

Agora, há também vários engenheiros brasileiros que trabalham em uma fábrica de aviões da Embraer em parceria com empresas locais.

A VIAGEM

Em 1957, o governo soviético ofereceu-se para levar as famílias russas “de volta para casa”. Naturalmente, poucos aceitaram a proposta. Sabiam que Harbin ainda era vista como um reduto de “brancos” e não estavam dispostos a terminar os dias em um *gulag*. O auxílio veio da Cruz Vermelha Internacional. Ela ofereceu um navio alemão que levaria os imigrantes para os Estados Unidos, a Austrália ou o Brasil. Lídia queria ir para os Estados Unidos, mas a lista de espera já era grande. Victor não sabe por que a Austrália estava fora dos planos da mãe. Desta forma, decidiram vir para o Brasil.

– A viagem foi muito agradável. Nessa ocasião, conheci a variedade de línguas que há na China. Partimos de Vladivostok. Quando cheguei a Xangai, entendia apenas metade do que as pessoas diziam. Em Hong Kong, não entendia nada.

O navio chamava-se Tegelberg. O garoto de 10 anos estava encantado com a aventura marítima. Ao entrar na Baía de Guanabara, ficou impressionado com a beleza do seu novo país. Daí, rumaram para Santos. De lá, um trem levou-os até São Paulo.

Lídia estava muito preocupada: não falava nem uma palavra em português, precisava trabalhar e não tinha onde deixar o filho. A ajuda veio de uma feliz associação entre a Cruz Vermelha e o Vaticano, que constituiu uma capelania para receber os imigrantes russos no Brasil e prestar-lhes toda a assistência.

INTERNATO

Ao chegar a São Paulo, mãe e filho foram recebidos por um padre esguio. O sorriso amplo abria caminho entre a barba espessa e grisalha. As lentes e a armação grossas dos óculos, o hábito escuro e os olhos azuis lembravam um padre ortodoxo. Mas, na realidade, era um jesuíta, descendente de russos e austríacos: Iohann Stoissner. Estudara em Roma no Ateneu Pontifício Russo e fora enviado pela Santa Sé para cuidar dos imigrantes no Brasil. Fundara o Internato São Wladimir em São Paulo. Posteriormente, o colégio foi transferido para Santos e, depois, para Itu. Também havia um internato feminino chamado Santa Olga.

– Já leu “Irmãos Karamazov”? Ele era o *stariets* Zózima!

Padre Stoissner levou a família para uma hospedaria e colocou-a em contato com a colônia que já vivia na cidade. Com alguma ajuda, meses depois, Lídia conseguiu um emprego como contadora em uma empresa de seguros.

Victor lembra o dia em que padre Stoissner levou-o para o internato em Santos. Tinha 8 anos. O religioso pegou-o pela mão e foram juntos de trem. Na estação, ganhou de presente uma carambola. Nunca tinha visto a fruta e achou curioso o sabor adstringente. Fora colhida cedo demais. A recordação permaneceria durante muito tempo.

– Não chorei por deixar a casa da minha mãe. Também não tive dificuldade em adaptar-me à rotina do internato. Foram anos muito felizes.

Jogava bola nas praias de Santos com rapazes que juravam que haviam conhecido Pelé naquelas areias. Victor formou-se técnico em eletrônica. Mas com o tempo, descobriu que poderia ganhar um bom dinheiro como tradutor russo juramentado e dedicar o resto do tempo à música, sua grande paixão.

CONCLUSÃO

Lídia morreu em 1980. Pe. Stoisser cuidou da igreja do Ipiranga até 2002. Depois de uma vida de trabalho exaustivo, também rendeu o espírito.

Em 2005, Victor casou-se com uma brasileira: Carmem Medina Ferreira. Ela não tem ascendência russa, mas estudou em São Petersburgo em um programa do antigo governo soviético para jovens da periferia de São Paulo. Morava em uma favela próxima à Represa Guarapiranga. Formou-se em Pedagogia para Deficientes

Visuais e, hoje, trabalha em uma escola especial da prefeitura de São Bernardo do Campo.

A pequena e bela Natasha, filha do casal, nasceu em 2007 e é um final feliz para a saga que começou há 60 anos com uma mãe desamparada em plena revolução maoísta.

O feirante

Tadeu Kawalec tornou-se uma instituição em Curitiba. É o *Rei do Pierogi*, comida polonesa muito apreciada na cidade, parecida com um pastel cozido. É dono de uma barraca que percorre as principais feiras da cidade. Mas poucos conhecem as aventuras deste polaco antes de vir para o Brasil.

Dizem que a linearidade não é uma virtude eslava. De fato, as recordações de Tadeu não seguiram qualquer ordem cronológica ou hierarquização.

O PAI

Tadeu nasceu no dia 23 de novembro de 1953 em Zamosz, um pequeno vilarejo a cerca de 100 quilômetros de Lublin, um centro histórico que abriga, hoje, 800.000 pessoas.

Seu pai, Stanislaw Kawalec, lutara pela independência da Polônia durante a Segunda Guerra Mundial. Integrara o *Armia Krajowa* (AK), o Exército do Interior, fiel ao governo do exílio em Londres. Vivera quase todo o conflito escondido nos bosques das montanhas planejando ações militares contra nazistas e soviéticos, aliados até 22 de junho de 1941, quando Hitler rompeu o pacto de não-agressão e invadiu a Rússia.

Tadeu lembra as noites em que seu pai recebia muitos companheiros que lutaram no conflito, acompanhados por suas famílias. Ficavam na sala, com a lareira acesa e as portas trancadas. Relembavam histórias deste período e cantavam canções polonesas. Ficava no colo do pai e ouvia absorto.

– Assim aprendi a “amar” o regime – diz com ironia.

No fim da guerra, Stanislaw foi capturado pelos soviéticos e enviado com outros soldados poloneses ao *front* em Berlim para servir de “bucha de canhão”. Ele era o cozinheiro da tropa.

Encontraram pouca resistência na entrada da cidade. Foram, por isso, os primeiros a chegar ao *Reichstag*, o parlamento alemão, em 30 de abril de 1945.

Lá, um soldado polonês resolveu arrancar a bandeira da Alemanha e hastear uma bandeira polonesa. Os soviéticos que chegavam neste momento alvejaram-no,

para a perplexidade da tropa de Stanislaw. Dois dias depois, a 2 de maio de 1945, o soldado Milton Kantariya hasteou uma bandeira soviética no *Reichstag* diante de cinegrafistas e fotógrafos.

– Tiraram as fotos tradicionais que aparecem em muitos livros de história para comemorar a tomada de Berlim pelo Grande Exército Vermelho.

Quando voltou, Stanislaw retornou aos bosques e continuou sua atividade insurgente contra a dominação soviética. A AK recebeu, então, um comunicado da NKVD (a polícia secreta precursora da KGB): seria concedida a anistia aos soldados poloneses que entregassem suas armas. A nota também especificava um lugar, um dia e um horário específicos para a rendição.

A AK aceitou a proposta. Sabia que não tinha estrutura para continuar na ativa. Mas, quando seus membros chegaram ao encontro marcado, foram recebidos por uma linha de tiro. Stanislaw conseguiu fugir com uma perfuração no pulmão direito. Seus amigos morreram.

Voltou para a casa da família em Zamosz. Permaneceu vários meses na cama recuperando-se do ferimento. Desde então, ficou incapaz para serviços que exigiam esforço físico.

Em 1947, o governo fantoche na Polônia organizou novas eleições. O Bloco Democrático, que incluía o partido comunista, conseguiu 50% dos votos. Com as fraudes patrocinadas pela União Soviética, a percentagem aumentou para 80%.

Tadeu ouvia estas histórias e refletia sobre elas.

Stanislaw morreu em 1980.

NO COLÉGIO

A educação polonesa foi estatizada, processo semelhante ao ocorrido na Hungria e na Iugoslávia, países em que boa parte da rede de ensino era confessional.

Tadeu lembra que os crucifixos foram tirados das salas. Nas aulas de literatura polonesa, estudavam-se textos que louvavam o regime.

Comemoravam dias dedicados ao que Tadeu chamou de “santos laicos do regime”: todas as crianças uniformizadas e em fila para cantar o hino da Internacional.

– Lembro as histórias de Che Guevara e Fidel Castro. Che era apresentado como um herói que sofria pelo ideal da justiça e foi morto pelos malvados imperialistas norte-americanos na América do Sul.

Hoje, fica irritado quando encontra alguém com uma camisa do ídolo revolucionário.

A propaganda anti-religiosa também fazia parte do currículo. A identidade cultural polonesa foi moldada, em boa medida, pela fé católica. A tentativa da construção do “novo homem” passava, necessariamente, pela difusão da idéia de que qualquer forma de pensamento religioso é, necessariamente, primitivo, retrógrado e reacionário.

Outra crítica bastante comum nas salas de aula e na imprensa estatal era de que a Igreja havia cooperado com os nazistas.

– Mas, na prática, ninguém confiava nos professores do regime. Poderíamos até não saber como responder às acusações. Mas todos os alunos tinham uma certeza que traziam de casa: o regime mentia sempre. Para saber a verdade, bastava inverter qualquer afirmação feita por ele. Desta forma, o fervor religioso das pessoas aumentou.

Às vezes, as escolas utilizavam outras formas mais sutis para afastar os alunos da igreja. Por exemplo, marcar trilhas nas montanhas, sessões de cinema e peças de teatro nos domingos pela manhã. Todas as paróquias costumavam organizar missas para as crianças às 9 horas da manhã.

A TV estatal polonesa também transmitia os melhores filmes neste horário, inclusive produções ocidentais.

Nas férias, os colégios realizavam acampamentos em lugares afastados das cidades, onde não havia nenhum templo por perto. Os pais reagiam: só permitiriam a participação dos filhos se os professores garantissem que seus filhos assistiriam missa no domingo.

– Exigiam inclusive que os diretores assinassem termos de compromisso. Obviamente, eles assinavam, mas nunca honravam a promessa.

NA FACULDADE

Como forma de resistência, Tadeu resolveu fazer um curso de graduação malvisto pelo regime: teologia. Nunca pensou em ser padre. Mas afirma que, na sua época, era muito comum leigos fazerem o curso para manifestar oposição à ideologia atéia.

– Havia muitas mulheres na minha classe.

A Universidade de Lublin era a única universidade católica em funcionamento nos países da “cortina de ferro”. Algo que deve ser atribuído aos esforços do cardeal Stefan Wyszynski, preso pelo regime em 1953 e solto em 1956.

Tadeu chegou a assistir um curso de ética ministrado pelo cardeal de Cracóvia, Karol Wojtyła, mais tarde, João Paulo II.

Toda classe tinha um agente da *Śłużba Bezpieczeństwa* (SB), o Serviço de Segurança responsável pela espionagem e repressão na Polônia. Quando descobertos pelos demais alunos, desapareciam no dia seguinte e ninguém mais ouvia falar deles.

O curso começou em 1970 e terminou em 1976. Em 1977, Tadeu ingressou novamente na mesma universidade. Faria, então, a graduação em jornalismo.

ESTUDANTE DE JORNALISMO

Durante o período estudantil, Tadeu engajou-se na luta política. Liderava movimentos para boicotar solenidades públicas do governo e criava mobilizações em datas simbólicas para o povo polonês.

– Certa vez, espalhamos panfletos pela cidade animando o povo a não comparecer ao comício de 1º de maio. Propúnhamos também uma passeata no dia 3.

Nesta data, os poloneses comemoram o aniversário da promulgação da Constituição de 1791, considerada a primeira constituição nacional moderna da Europa.

Nos anos 1978 e 1979, Tadeu estagiava em uma gráfica do governo. Com o passar do tempo, começou a roubar galões de 20 litros de tinta preta e bobinas de papel branco. O Estado controlava rigorosamente o comércio destes insumos.

Tadeu levava-os a uma casa onde havia um pequeno parque gráfico escondido. Lá, a resistência confeccionava os panfletos e jornais do movimento estudantil e

dos movimentos de trabalhadores que integrariam o sindicato Solidariedade, um dos principais responsáveis pela dissolução do regime.

– Uma vez, cheguei de carro e vi que a luz da varanda estava apagada. Fui embora muito triste.

A lâmpada desligada era um sinal: se a SB chegasse ao local, a primeira ação seria desligar a luz da varanda para evitar mais prisões. No dia seguinte, veio a confirmação. Três amigos de Tadeu foram presos e havia agentes na casa à espera do resto do grupo.

Outra ação subversiva comum era sair com uma caminhonete à noite para arrancar os estandartes comunistas espalhados pela cidade e colocar no lugar bandeiras da Polônia.

– Certa vez, fomos perseguidos por uma patrulha. Lançamos alguns quilos de pregos tortos sobre o asfalto e, com uma estratégia tão primitiva, furamos os pneus do carro de polícia.

JOÃO PAULO II

No dia 16 de outubro de 1978, as rádios e os telejornais estatais noticiaram de forma fria:

“O cardeal de Cracóvia Karol Wojtyla foi eleito Papa da Igreja Católica.”

Era já o fim da tarde.

– Quinze minutos depois, todos foram para as igrejas. Começaram a rezar missas, rosários, novenas... Cantos misturavam-se com os sinos. A comemoração durou até a meia-noite.

No dia seguinte, a alegria das pessoas manifestava-se de uma forma silenciosa. Ainda não era o momento de enfrentar o regime.

– Mas todos estavam com cara de ganhador de loteria. Um sorriso que tomava conta do rosto.

João Paulo II visitou a Polônia em 2 de junho de 1979. Ficou até o dia 10 do mesmo mês. Tadeu lembra com euforia estes dias. Especialmente a homilia da missa que o Papa celebrou na Praça da Vitória em Varsóvia diante de milhares de pessoas.

– Com o dedo em riste apontado para baixo e a voz vibrante, ele dizia: “Vinde Espírito Santo e renova a face desta terra! Desta terra! Desta terra!”. Todos

entendíamos o que ele queria dizer e nos divertíamos com a perplexidade e a impotência dos representantes do regime presentes na cerimônia.

Tadeu também participou do encontro de jovens estudantes universitários com o Papa no Santuário de Czestochowa.

– Ele dizia: “Vocês foram escolhidos por Deus para transformar este país. A mudança deve partir de vocês. Por favor, não cedam em nenhum ideal. Sejam fiéis à fé que receberam dos seus pais.”

Cada jovem deveria ter trazido uma cruz consigo para o encontro. No final, o Papa abençoou-as.

Czestochowa fica a 40 quilômetros de Lublin. Terminado o encontro, todos os jovens pegaram o trem para casa. Começada a viagem, Tadeu teve uma idéia:

– Convenci todo mundo para que realizássemos uma procissão da estação ferroviária até a universidade com as cruzes abençoadas pelo Papa nas mãos. No percurso, passaríamos pelo centro da cidade.

É provável que o governo tenha se antecipado à idéia. Em Swidnik, última estação antes de Lublin, vários ônibus esperavam os estudantes para levá-los confortavelmente aos alojamentos universitários. Ninguém desceu do trem.

Quando chegaram ao destino, também se depararam com a mesma gentileza do regime. Recusaram a oferta e começaram a procissão. A polícia acompanhava a manifestação, mas não a reprimia. Centenas de pessoas juntaram-se ao grupo de estudantes.

– Por uma feliz coincidência, passamos diante da sede do Partido Comunista na cidade. Ficava a 500 metros da universidade. Para nossa surpresa, funcionários vieram até a janela para nos saudar. Era um sinal: a visita do Papa deixava evidente que o sistema estava prestes a ruir.

PROPOSTA

Um mês depois de formar-se como jornalista, Tadeu foi convocado pela SB. Preocupado, foi até o quartel do Exército em Lublin. Três homens fardados receberam-no em uma sala da burocracia militar.

“Você acabou de se formar, não é? Gostaríamos de lhe fazer uma proposta de emprego. O governo precisa de jovens com o seu perfil.”

– Meu perfil era: alguém engajado nos movimentos estudantis e no Solidariedade.

“Oferecemos um bom salário: 25.000 *złote*. Você também terá direito a um apartamento com cinco quartos e um carro.”

– Para você ter uma idéia, o salário médio de um jornalista era 2.000 *złote*, ou seja, o valor proposto era 12 vezes maior. Um trabalhador polonês tinha direito a uma casa com um ou dois quartos, no máximo.

Tadeu não aceitou. Passou vários dias com medo de sair na rua. Acreditava que sofreria uma represália. Mas ela não veio.

SOLIDARIEDADE

Em 1980, um grupo de trabalhadores do Porto Lênin liderados por Lech Wałęsa fundou o sindicato Solidariedade, em polonês, *Solidarność*. Em pouco tempo, o movimento espalhou-se por todo o país: havia mineiros, taxistas, professores... No fim da década de 1980, 15 milhões de pessoas pertenciam ao sindicato.

– A Polônia possuía dois governos: o comunista e o Solidariedade. O nome do sindicato refletia a sua essência: todos cuidavam de todos.

Desde o início, Tadeu atuou nas ações de imprensa do movimento na região de Kalisz. Em outubro de 1981, o jornalista foi enviado como delegado eleito para o Primeiro Congresso Geral do sindicato Solidariedade em Gdansk.

– No final, houve uma coletiva de imprensa com Lech Wałęsa. Lembro-me da pergunta que fiz.

“Com o enfraquecimento do regime, é provável que a União Soviética invada a Polônia. Como líder do Solidariedade, o que você pretende fazer?”

“Nós transformaremos cada casa e cada rua em uma fortaleza. Vamos lutar.”

Um mês depois, Tadeu teve a oportunidade de fugir do país. Recebera um convite da comunidade polonesa de Curitiba para visitá-la. Obviamente, não era desculpa suficiente para contar com um visto de saída. Mas ouvira falar de um major na cidade portuária de Gdansk, simpatizante do Solidariedade, que poderia facilitar a viagem.

Foi até lá e, depois de uma breve sondagem, recebeu indicações concretas.

“Venha daqui a duas semanas. Nem um dia antes. Procure-me. Você embarcará assim que chegar, entendeu?”

No dia combinado, Tadeu estava com a mulher Maria no porto. Mostrou seus documentos ao major que olhou para a bagagem. Era evidente sua condição de fugitivo. Mas só recebeu como resposta um sorriso:

“Boa viagem!”

Recentemente, Tadeu descobriu que aquele major foi responsável pela fuga de muitos membros do sindicato. Provavelmente, ele tinha informações privilegiadas e sabia que se avizinhava uma tempestade.

Na madrugada dos dias 12 e 13 de dezembro de 1981, a SB invadiu as casas dos líderes do Solidariedade. Era a aplicação de uma Lei marcial criada para dissolver o sindicato.

Antes de viajar, o casal Kawalec vivia em Lublin na casa de Stephania Gawel, sogra de Tadeu. Naquela noite, ela também recebeu a visita dos agentes à procura do genro. Pôde, então, descarregar a ira de décadas.

Todos os anos, seu marido Stephan era obrigado a entregar metade da produção de trigo ao governo. Em 1951, houve um problema grave com as safras de grãos. A produção caiu pela metade. Stephan, com seis filhos para alimentar, resolveu ficar com toda a colheita. Temia que sua família passasse fome.

O regime descobriu e agiu sem misericórdia. Stephan foi mandado para as minas de carvão. Permaneceu lá oito meses sem ver a luz do dia. Voltou fraco e deprimido. Não desobedeceria mais o regime.

Trinta anos depois, Stephania comemorou a frustração dos agentes.

“Desta vez, vocês não conseguiram! Meu genro e minha filha estão no Brasil há duas semanas. Vocês não vão fazer com eles o que fizeram com meu marido!”

Muitos amigos de Tadeu ficaram na prisão até 1985. Hoje, são ministros e senadores. Foram os líderes da transição democrática.

– Às vezes, fico pensando: se tivesse permanecido na Polônia, com certeza, seria preso. Mas, hoje, seria um político importante.

Depois, reconsidera.

– Pensando bem, poderia estar morto.

Sobre o autor

Alexandre Gonçalves tem 26 anos. É bacharel em Ciência da Computação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Trabalhou em empresas de informática como IBM e Microsiga. Está no último ano do curso de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero. Participou do *Curso Intensivo de Jornalismo Aplicado* do jornal *O Estado de S. Paulo* em 2007. Pretende trabalhar na mídia impressa. Interessa-se por filosofia, literatura e história. Passa o tempo livre em trilhas na Mata Atlântica.